

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

A NOVELLA POPULAR.

N.º 111



**Aventuras extraordinarias
dum policia secreta**

Duplo assassinio



EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA E SOUSA
COMPRADA NA EMP. LUSITANA EDITORA —
C. DO FERREGIAL, 23, PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO
60
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
DA NOVELLA POPULAR
C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

Encyclopedia Popular

Collecção de obras de vulgarisação

● científica ao alcance de todos ●

Vulgarisar todos os conhecimentos humanos em poucas obras, de maneira a desenvolver nos menos ilustrados o gozo pelos estudos scientificos, tão necessario para a educação do povo, eis o fim a que visa esta primorosa collecção, que em errará verdadeiras obras primas, de vidos ao talento dos maiores escriptores mundiaes.
Está publicado o primeiro volume:

Como pode acabar o mundo

Segundo a sciencia e segundo a religião

por C. de KIRWAN

Livro de sciencia popularisada, a obra que inicia a série da *Encyclopedia Popular*, tem obtido no estrangeiro o mais colossal dos exitos.

No prelo:

Atravez do Espaço, por Camillo Flammarion
Os Mundos desaparecidos, por Zaborowsky
As Estrellas e os cometas, por Secchi
O Panorama dos Seculos, por J. Weber
A Intelligencia e o cerebro, por G. Matisse
Magnetismo e Espiritismo, por G. Danville
Alcoolismo e os seus estragos, por Serieux e Mathieu
A Fisiologia de Espirito, por Paulhan, etc. etc.

100 Rs. CADA VOLUME BROCHADO E
=NITIDAMENTE IMPRESSO= Rs. 100

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados tres volumes

I Obscendencias primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia	300
II Impudencias de Roma Primitiva — Devassidão dos Romanos	300
III Desmoralisação Franceza—Tempos modernos...	300
No prelo:	
IV (e ultimo volume) Tempos modernos	300

Um romance completo por **200**
OS BONS ROMANCES
Publicação mensal de grande formato ● REIS ●

==CADA VOLUME CONTEM==
== 14:00 LINHAS ==
DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados:

O homem das multidões, de *Pierre Zaccane*.
O casamento d'um forçado, de *A. Bouvier*.
A aposta maldita, por *Jules de Gastyme*.
Os Facas d'Oiro, por *Paulo Féval*.
As filhas do povo, por *Alexis Bouvier*.

No prelo:

A EXPIAÇÃO

◆ Sensacional romance de JULIO MARY ◆

Estes romances, seleccionados com escrupulosa attenção, compoão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

200 OS BONS ROMANCES
Publicação mensal de grande formato
● REIS ● um bom romance completo

100 maneiras de nos COM ARMAS
defendermos na rua

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente illustrado, impresso em magnifico papel

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

◆ ◆ ◆ Edições luxuosissimas ◆ ◆ ◆
com bellas e numerosas gravuras intercalladas
◆ ◆ ◆ no legto ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

A *Modern-Bibliotheca* é constituida por edicoes luxuosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

I—Ditosa Iar, por *Marcel Préost*
II—Aphrodite, por *Pierre Louys*
III—Prima Laura, por *Marcel Préost*

500 Rs. Preço de cada volume Rs. 500
brochado

ACD
823.91
D598.99
P47 v. 5 no. 111

DUPLO ASSASSINIO

por Conan Doyle

CAPITULO I

O drama no Valle do inferno

«Asentou-se ante-hontem para parte desconhecida o primeiro guarda-livros da grande casa commercial Menbansérstrasse. Foi no sabbado dar um passeio a Garmisch, d'onde nunca mais voltou. O desaparecido trajava um fato castanho e chapéu verde. Noticia util a entregar á—DIRECCÃO DA POLICIA EM MUNICH.—

—Isto offerece-me um ensejo para dar um pequeno passeio a Garmisch! exclamou Sherlock Holmes, pondo de parte as «Novidades de Munich.»

Dizia estas palavras mais a si proprio do que a Harry que estava occupado a metter a uma mala as diversas cabelleiras e barbas falsas do policia.

Sherlock Holmes estava já ha alguns dias no hotel dos Estados em Munich. Um caso interessante retivera-o durante uns tempos em Rance, vindo no regresso á capital da Baviera, onde decidira demorar-se uns dias para ficar conhecendo bem a cidade e para descansar, depois da prodigiosa actividade que dispensara ao acontecimento de que ultimamente se havia occupado.

—Acha que este caso insignificante valha a pena? senhor Holmes, perguntou-lhe o seu ajudante. Trata-se decerto, outra vez, d'uma victima das montanhas. Talvez o homem subisse a montanha sem os armamentos necessarios e caisse para o abysmo.

—Não admitto isso; porque, se assim fôsse, o annuncio trazia alguma nota sobre o facto. Parece que não se tem noticia alguma para onde o desaparecido dirigia os seus passos. Sabendo que é o guarda-livros d'uma grande casa, torna-se-me o desaparecimento um pouco suspeito. Se depois a gente se lembrar que hoje é segunda feira, que ante-hontem deu o seu passeio e que nunca mais voltou, e, além d'isso que no sabbado em todas as casas se faz balanço semanal, então toma o caso uma nova figura. Estamos hoje a 1 de outubro; hontem foi 30 de setembro e ante-hontem 29. Talvez o guarda-livros tivesse de apresentar hoje as suas contas. Se vêes bem todos esses pormenores, tens de concordar que o caso não é tão vulgar como se julga no primeiro instante.

—Sim!... mas quem se lembra tambem de todas essas minudencias! Na verdade, se desenvolvermos todos os casos, senhor Holmes, então tomam todos um outro aspecto.

—Sim, Harry, a parte principal n'esses annuncios consiste, sómente, em saber lêr as entrelinhas. Mas, como temos um dia lindo de inverno, quero acabar com a minha philosophia. Penso em partir immediatamente para a estação, onde tomaremos o comboio para Garmisch.

—Estou radiante por ir conhecer, emfim, as montanhas da Baviera, you já mandar vir um trem, respondeu Harry saindo.

Dez minutos mais tarde, parou um taximetro deante da porta do hotel, o qual levou o grande policia e o seu companheiro para a estação.

Chegaram a Garmisch á tarde. Era um dia lindo de inverno. As florestas estavam cobertas de neve offerecendo um espectáculo encantador. O sol illumi-

nava com os seus fracos raios as ruas bem tratadas da villa.

Agora vamos informar-nos para onde o guarda-livros, cujo nome ainda ignoramos, se dirigiu, disse Sherlock Holmes dirigindo-se para uma das cocheiras que estava deante da estação.

—De certo já sabe do desaparecimento d'um individuo de Munhen. Já se saberá em Garmisch para onde o homem de fato castanho se dirigiu?

—Ahl já sei de quem quer fallar. Talvez procure tambem Kaspar Risser? Precisamente vae partir agora nma expedição á procura d'elle. Algumas pessoas dizem que elle foi para o «Valle do Inferno». Se fôr depressa, talvez ainda a apanhe.

—D'onde parte a expedição? perguntou Sherlock Holmes.

—Do «Hotel dos tres moiros».

«Siga a estrada real, e assim não pôde deixar de a encontrar.

O grande policia agradeceu, e os dois correram para o sitio indicado, quer dizer, para a estrada real, que atravessa a villa, tendo muitas embocaduras no meio da villa Garmisch.

Em cinco minutos, tinham Sherlock Holmes e o seu companheiro attingido o «Hotel dos moiros».

Tiveram sorte, porque a expedição tinha acabado de sair do hotel para ir procurar o desaparecido Kaspar Risser, Compunha-se d'um guia montanhez, de duas policias e do medico.

Holmes approximou-se de um dos policias.

—Permitte-me que me junte aos senhores? Interesso-me pelo caso.

—O senhor é algum parente do desaparecido?

—Não, o meu nome é Sherlock Holmes foi a resposta.

O policia estendeu-lhe as duas mãos.

—O quê? o senhor? Em pessoa?

«Não, nunca teria sonhado isso!

Julguei que nunca ultrapassava os limites de Londres, e agora, de repente, apparece no meio das serras da Baviera.

Sherlock Holmes sorriu.

—Um policia tem de estar em toda a parte. Se permite, partiremos.

«—Este é o meu fiel ajudante Harry Taxon.

—Estimo muito conhecê-lo, já li tambem muitas coisas interessantes a seu respeito, exclamou o policia, dirigindo-se a Harry. A honra será toda para nós, se nos quizer acompanhar, mas decerto, não encontrei nada de interessante.

A pequena caravana poz-se em marcha. Sherlock Holmes, Harry Taxon e a bailio ficaram um pouco affastados do resto do grupo.

—Porque motivo diz o senhor que não haverá nada de interessante, para mim, n'este caso? perguntou o policia.

—Oh! porque temos destes casos quasi todas as semanas.

«Justamente agora depois de ter chovido muito

tempo, estão os caminhos, na montanha, muito perigosos. Depois de saber hoje que o desaparecido se tinha dirigido para o Valle do Inferno não tive um momento de dúvida; trata-se outra vez d'uma desgraça, d'essas desgraças que aqui tanto acontecem. Verá o senhor Holmes que não me enganei.

O Valle do Inferno é então muito perigoso?

—O Valle do Inferno, por si mesmo não, apesar de ser um desfiladeiro rochoso e selvatico, que ha só pouco tempo se tornou acessivel. Mas os touristas das cidades não se contentam em ficar ali, onde estariam em segurança. Ha um caminho que é bastante perigoso que conduz acima, e muitos o escolhem para subirem ao cume da montanha. Desconfio que Kaspar Risser escolheu esse caminho e que, por uma infelicidade qualquer, caiu ao abysmo.

—Pode ser que tudo se passasse assim, mas tambem pode haver um crime.

O bailio olhou admirado para Holmes.

—Mas seria muito desagradavel para os nossos arredores.

«Confesso que não sei como seja possivel... E' verdade que só estou aqui ha um anno e ainda não conheço o povo intimamente. Mas deixe-me dizer-lhe que a gente de Wërdenfeld é honrada e fiel. Não, não acredito que haja crime.

O caminho conduziu-os até á entrada do desfiladeiro, onde o grupo se separou para passar, um a um, as taboas que pareciam estar pregadas nos rochedos com mil cuidados. Lá muito ao fundo, precipitava se, rugindo, a ribeira cheia por causa da chuva torrencial dos ultimos dias. Até aos pés e á cara dos homens que olhavam para o horrivel precipicio saltava a espuma d'essa agua selvatica.

A' direita e á esquerda erguiam-se rochedos gigantescos, vendo-se apenas uma nesga do céu azul.

Depois de uma marcha de duas horas, deixou o grupo o Valle para subir por caminhos vertiginosos.

—Quem é que se occupou já do desaparecido? perguntou Holmes após um pequeno silencio.

—Sua mulher. Já telephonou no domingo á noite, mas como não pôde indicar com certeza, se o marido se dirigiu para Garmisch, tornam-se as investigações, naturalmente, difficis. Só hoje descobrimos os verdadeiros vestigios depois de termos recebido por telegramma alguns esclarecimentos d'um amigo do desaparecido.

O guia que levava a deanteira, parou de repente.

—Já o encontrámos! exclamou. Aqui está.

Os outros approximaram-se immediatamente do ponto indicado. Mas antes que chegassem exclamou o guia cheio de horror!

—Mas olha, é Adamer Lenz.

«Foi decerto o Jaga que o matou a tiro.

Sherlock Holmes Harry e o bailio tinham chegado ao lugar onde estava o guia. Viram então estendido no chão um rapaz com um feto proprio da Baviera. Trazia calças de coiro já usadas. As meias, curtas de mais, deixavam vêr os joelhos queimados. Nos pés

tinha umas botas grosseiras e muito solidas. O morto não trazia mais que uma canisa aberta no peito onde se via distintamente a ferida produzida pelo tiro. Uma bala atravessara-lhe o coração. O chão estava tinto de vermelho do sangue do desventurado. O morto estava deitado de maneira que a cabeça pendia n'um rochedo. A cara tinha um aspecto tranquillo. Adamer Lenz era um bonito e robusto rapaz. Os olhos languidos eram guarnecidos de fortes sobrancelhas, o bigode era loiro e o queixo energico. O nariz bem desenhado denunciava coragem e energia.

Foi o Jaga que o matou, disse o guia com uma perseverança tenaz, interrompendo o silencio a que se remettera o grupo até agora. Todos tinham tirado o chapu deante da majestade da morte.

—São palavras, Alois, respondeu o bailio com voz aguda.

«Se Adamer Lenz tivesse sido morto por um caçador, teriamos recebido noticia official.

O medico ajoelhou-se aos pés do morto para o verificar.

—Já morreu ha dois dias, disse elle por fim.

—Se tivesses vindo pelo outro caminho não o tinhamos encontrado, disse o guia.

«Mas o chapu montanhez despertou-me a attenção. Dizendo isso, mostrou ao bailio um chapu verde já bastante usado.

—Atravez deste chapu já passou uma bala, interrompeu Holmes que tinha lançado um olhar fugitivo sobre elle.

O bailio voltou-se e disse:

—Não é para admirar, senhor Holmes, Adamer Lenz era o mais afamado ladrão de caça destes sitios.

«Já teria ouvido zunir mais que uma bala, que lhe era destinada.

—E' por isso que digo, foi o Jaga que o matou. exclamou o guia com voz que denunciava a dor e a compaixão pelo assassinado.

—Basta, respondeu o bailio. Já te disse uma vez que nada disso é verdade. Se tu o dizes mais uma vez espêto-te a ser castigado. O caçador teria tido a obrigação de annunciar o seu acto. Temos de contar com outra probabilidade.

Sherlock Holmes encarou, de repente com uma arma que estava, não longe do morto, no chão, Holmes levantou-a.

—E' a espingarda de Lenz disse, um dos policiaes.

—Tem dois canos, notou Holmes.

«As duas balas foram atiradas.

—Parece que houve verdadeiro combate, disse o bailio.

Holmes com muitas precauções passou para o outro lado do morto e disse.

—Senhor bailio, far-me-hia uma grande fineza se se retrassae alguns instantes, assim como estes senhores para me deixarem investigar sósinho este logar.

—Desconfio que possa, ainda, encontrar alguns vestigios importantes, andando tantas pessoas por

aqui. Parece que o senhor adivinha coisas extraordinarias.

Holmes sorriu e afastou-se.

Poucos instantes depois tinha desaparecido por detraz dos pinheiros.

Decorridos uns cinco minutos, voltou de novo para junto do resto do grupo.

—Lá por detraz dos pinheiros está estendido no chão o cadaver de Kaspar Risser disse Holmes.

Os homens aterrados correram para o sitio indicado pelo policia.

O cadaver d'um homem cerca de quarenta annos estava estendido no meio dos silvados. O seu peito estava atravessado por duas balas e o fato ensoado em sangue.

Apezar dos olhos estarem fechados, demonstrava o rosto uma expressão de terror no mais alto grau.

—Senhor doutor, talvez lhe seja possível constatar que a morte do guarda livres se deu ao mesmo tempo que a do ladrão de caça.

O medico verificou a ferida.

—Tem razão, disse elle, podia quasi dizer-se que os dois morreram á mesma hora.

—Mas isto tudo é muito estranho, disse o bailio.

Não se sabe então se Adamer Lenz foi assassinado por um estranho ou por este homem, não se sabe se foi Adamer Lenz que matou Kaspar Risser ou, então se os dois foram mortos por mão estranha?

O guia sorriu-se.

—Aqui decerto passaram se coisas estranhas, senhor bailio, disse o guia ainda, Jaga era amigo de Lenz.

Emquanto os homens estavam a trocar impressões andava Holmes de roda do morto olhando e investigando o chão. O bailio viu então, o policia apanhar um bocado de papel e mettel-o na algibeira.

—Encontrei alguma coisa, senhor Holmes, que lhe possa indicar algum vestigio? perguntou com curiosidade.

—Holmes mostrou o papel, tinha d'um lado escripto as seguintes palavras:

Balas, praça e tres, e por detraz a 815, 1112, 256.»

O bailio virou e revirou o bocado de papel entre os dedos.

—Acha que isso pode ter alguma importancia para nós?

—Mas uma grande importancia, respondeu Sherlock Holmes. Podia mesmo dizer, que já temos metade da chave do enigma que pesa sobre esses dois cadaveres.

—Com esse bocado de papel?

—Só com elle.

—Então digo que o senhor é feiticeiro.

—De maneira alguma, senhor bailio. Sou simplesmente um criminalista que calcula logicamente.

Mostrou em seguida um revolver, com o dedo, que estava meio escondido entre a herva e o musgo.

—Sargento, guarde essa arma.

O sargento apanhou o revolver de seis balas que era d'um velho calibre, e entregou-o ao baillio que estendeu a mão como se fosse um thesouro.

—Aqui temos uma importante prova, disse o baillio olhando. Faltam aqui tres ballas, sr. Holmes.

«Parece que já se podia fazer um certo calculo. Os dois homens caíram em cima do outro por um motivo desconhecido; e mataram-se. Não será preciso grande esforço para encontrar qualquer mysterioso motivo.

Os policiaes e o guia tinham-se afastado para arranjar uma mala feita de hastes e folhas para os mortos.

—Parece-me que o senhor julga depressa de mais, respondeu Holmes. A ferida no peito do ladrão da caça mostra claramente que a bala entrou com uma força extraordinaria pelo corpo. Peço já agora que me entregue a balla que matou Adamer Lenz. Mas para voltar á nossa conversa. A balla que matou Adamer Lenz saiu, sem duvida alguma, d'uma arma. Pelo que respeita ao cadaver de Risser, o policia mostrava com o dedo a ferida que o baillio tinha descoberto, o senhor vê muito bem que a pelle em volta da ferida está chamuscada. Também Risser foi morto com um tiro de espingarda, e o assassino poz-lhe mesmo a arma em cima do peito. Uma investigação minuciosa do cadaver mostrará que a balla furou o corpo e saiu pelas costas.

O baillio succudiu de novo a cabeça.

—Que infelicidade uma coisa d'estas acontecer-me no principio da minha carreira. Sabe alguém o que se passou aqui, e portanto, parece-me que Adamer Lenz e Kaspar Risser tem a culpa da sua morte. Olha, Alois, disse para o guia, que estava a cortar umas hastes, ouviste alguma vez dizer que Adamer e Kaspar Risser fossem inimigos? viste já alguma vez aqui o guarda livros de Munchen?

—Não, nunca o vi, mas ouvi falar n'elle.

—Mas quem te fallou n'elle?

—O Lenz.

—Ah! então fallava bem ou mal de Kaspar?

—Só queria que o ouvisse uma vez, senhor baillio. Por vontade de Lenz teria sido queimado vivo.

O baillio voltou-se para Sherlock Holmes.

—Ouviu, sr. Holmes?

—Pode dizer o que quizer:

—Entres esses dois homens ha um mysterio.

—Será facil saber-o, respondeu Holmes sorrindo e perguntou ao guia:

—Como se chamava a rapariga por causa de quem os dois eram inimigos?

—Vroni, respondeu o guia seccamente.

O baillio olhou muito espantado para o policia:

—Como sabia o senhor isso?

—Não sabia nada, senhor baillio. Mas quando se trata d'um inimigo mortal, é sempre a minha primeira pergunta e em noventa e nove casos apanha-se logo a verdadeira resposta.

—Mas de que Vroni se trata então aqui? perguntou o baillio.

O guia não quiz dar mais explicações.

—Pergunte isso ali na aldeia; ali saberá tudo, disse mal humorado, o baillio, que não queria dar o seu braço a torcer deante de Holmes, e achou melhor callar-se. A maca estava prompta e os dois mortos foram collocados em cima, e silenciosamente começou a pequena expedição o seu regresso.

CAPITULO II

O policia campezes

A lua espalhava já a sua luz de prata quando chegaram á Garmisch. Metade da população tinha-se juntado para receber a expedição. Alguns rachadores de lenha que tinham visto o triste cortejo haviam levado a novidade do horrivel achado para a povoação. Uma velhinha, com o rosto onde se lia uma magua profunda, destacou-se da multidão, que estava silenciosa e aterrada.

—É verdade, senhor baillio, que encontraram o meu Lenz lá em cima?

Aquella cara enrugada, semi-vellada por um lenço vermelho olhou para o baillio, com os olhos cheios de lagrimas e com uma expressão tão dolorosa que fazia dó vel-a.

Este fez um signal affirmativo.

Então a velhinha não pôde conter um gesto de desespero.

—Mataram o meu Lenz, gritou ella. Meu Lenz. E quem foi? O Jaga! Só o Jaga! E' mais uma vez o Jaga!

E depois seguiram se umas palavras cheias de rancor que se dirigiam ao caçador.

—Cale se, disse severamente o senhor baillio.

Mas parece que o Jaga não tinha muitas sympathias entre os campezes, porque uma voz respondeu:

—E foi elle, sem duvida, vermos se foi ou não.

Os cadaveres foram conduzidos para a casa do despacho e os campezes foram-se embora, dispersando-se.

Alguns, porém juntaram-se em casa de Werdenfelper Michel, em frente da estação. Ali entraram também Sherlock Holmes e Harry.

Estavam os dois cansados e cheios de fome. Harry, sobretudo fez honra á comida sã e forte que lhe foi apresentada.

Os campezes, que estavam ali, tinham ouvido dizer que aquelle estranho era um afamado policia que viera para descobrir a verdade sobre a morte de Adamer Lenz.

O assassino do guarda livros de Munchen interessava-os pouco. Todos se occupavam do ladrão da caça, que era conhecido nos arredores por uma grande personalidade.

No meio dos camponezes estava um lenheiro, que tinha a palavra. Era alto e magro, e calçava uns sapatos muito grandes, a camisa aberta deixava ver o peito cabelludo e queimado pelo sol. A pelle da cara parecia coiro e era moreno. Os ossos da cara eram salientes, e a barba preta e mal tratada dava-lhe um aspecto desagradavel e mysterioso.

Fallava quasi com uma voz imperceptivel, porque tinha poucos dentes.

Quando tomava a palavra todos se calavam.

—Eu digo que Adamer foi assassinado por pessoa que o apanhou n'uma cilada. Digo mais uma vez, foi o Jaga, porque estava furioso contra elle por causa da Leni. A Leni gostava muito de Adamer; sabe isto toda a gente na nossa aldeia.

«O Jaga tinha deitado o olho em cima de Leni, tambem o sabem todos. Havia tres dias apenas que os dois se tinham zangado deveras, porque a Leni foi fazer queixas a Lenz que o Jaga não a deixava tranquilla.

«Parece-me estar ainda a vêr o Jaga deante de mim; que olhos elle lhe deitava! «Has-de ainda lembrar-te de mim, Adamer Lenz, ladrão de caça», disse ella e foi-se embora. E Lenz deitou-lhe um olhar tão selvagem, como nunca tinha visto.

—Tem razão, disseram os outros. Mas não se pôde dizer nada, antes de ter provas.

—Quem julgas tu Sepp, que matou o individuo de Munchen? perguntou um outro.

O lenheiro olhou a furto para Sherlock Holmes. —Sabes muito bem que não se pôde dizer o que se pensa. Venham aqui ao pé de mim, depois lhes direi o que penso.

Fallava baixinho, mas Sherlock Holmes, cujo ouvido era muito apurado ouvia tudo.

—Sabem que o Hinterlander Peter está furioso, ha algumas semanas, por causa do seu terreno, onde vae ser construida a nova estação.

«Decerto não viram hoje Kaspar Risser pela primeira vez. Ha algumas semanas que vinha todos os domingos aqui para tratar com Hinterlander. E sabem do que se tratava? Não o sabem não é verdade? Porque não ouvem nada apesar ter os ouvidos abertos. Kaspar Risser, o homem que encontraram hoje lá em cima, morto, comprou a Hinterlander o terreno d'este por vinte mil marcos. Elle sabia que a nova estação devia ser construida ali.

«Agora sabe Hinterlander que podia ter apanhado duzentos mil marcos. Este dinheiro embolsa-o agora Kaspar Risser, quer dizer, tel-o-hia embolsado. Agora decerto pertence a sua mulher.

A admiração dos camponezes manifestou-se intensamente.

—Senhor, se isso fôsse verdade.

—Sim, sim, dizia um outro, vi Hinterlander sair ante-hontem com a espingarda.

—Aqui está, respondeu o lenheiro, sem fazer caso de que estava a accusar um homem sem ter prova

alguma. Batendo com o punho em cima do peito disse:

—Digo-lhes desde já, que nem a justiça nem a policia descobrirão esse mysterio. Acontecera d'esta vez como sempre. Mas d'esta vez está cá o lenheiro Sepp. Mostrarei a justiça, que nós, os camponezes, não somos tão estupidos como elles julgam. Auxiliarei a justiça para conseguir o triumpho! Sou eu que o digo, eu, o lenheiro Sepp. O que eu digo está dito. Notem bem isto.

Mais uma vez olhou furtivamente para Sherlock Holmes.

Sherlock Holmes agarrou o copo e bebeu para esconder o sorriso que lhe passava pelas feições.

—O lenheiro tem todas as disposições para ser um bom policia, disse elle para Harry.

—Só com a bocca, mestre.

Sherlock Holmes abriu os olhos desmedidamente.

—Não é tanto assim, Harry. Tenho de confessar, que o homem acaba de mostrar perspicacia e logica.

«Mas, depois que o policia camponez seguiu esta pista, não temos que nos incommodar; vamos tranquillamente voltar para Munchen.

—O quê, mestre, quer abandonar este facto?

—De maneira alguma.

«Só disse que queria, outra vez, voltar para Munchen.

—E eu que esperava assistir a uma interessante aventura de caçadores furtivos e sabe Deus o que mais!...

—Aventuras d'estas são mais interessantes para serem vistas ao longe, respondeu Sherlock Holmes.

—Prometto-te, Harry, que verás coisas mais interessantes em Munchen. Mas agora vou vêr se apanho mais explicações do meu collega com calças de coiro.

Dizendo isso, levantou-se Sherlock, e, tomando o copo, foi assentar-se ao pé dos camponezes, que o miravam com olhos desconfiados.

Sherlock Holmes estendeu a mão ao lenheiro.

—O que tu acabas de dizer, Sepp, tem pés e cabeça. Mas não sou da tua opinião.

O lenheiro deitou um olhar furioso ao grande policia.

—Ah, sim, isso já se sabe, o senhor tem sempre uma opinião contrária á nossa.

Sherlock Holmes riu-se.

—Infelizmente.

—Então, talvez já saiba tambem quem matou Adamer Lenz?

—Isso sei eu já muito bem.

—E talvez já saiba tambem quem matou Kaspar Risser?

—Tambem já estou ao facto sobre o caso.

—Então porque não nos diz a sua opinião? Eu já disse a minha.

—E' justamente por isso, Sepp, que não te digo a minha. Agora vamos a vêr qual de nós dois chegará primeiro ao fim.

—Então acha que não é uma tolice o que eu disse?

—De maneira alguma. Mostraste mesmo bastante perspicacia. A unica coisa que desejo é não te ver enrolado em meia duzia de processos de offensa. Por que coisas d'essas estam muito dinheiro.

O lenheiro fez uma cara sombria.

—Isso é-me indifferente.

«Para se obter justiça farei todos os sacrificios.

Sherlock Holmes tirou a sua cigarreira da algebeira e estendeu-a ao lenheiro.

—Queres fumar, Sepp?

N'um instante, serenou-se a cara do lenheiro.

—Não digo que não.

Holmes offereceu-a depois aos outros camponezes e deu ordem ao estalajadeiro para trazer uma pipa de cervaça para os camponezes.

Então, todos se mostraram amaveis; fallavam, riam, etc. e, meia hora depois, era Sherlock Holmes um dos seus melhores amigos.

Fallava sobre coisas indifferentes sem nunca mais tocar no assassinio. De repente, pegou na lista dos hospedes, que estava em cima da mesa e que, ha muito, atrahia a sua attenção.

Enquanto os camponezes discutiam sobre a construcção da nova estação, leu Holmes todos os nomes escriptos na lista.

—Aqui esteve durante dois dias um americano? perguntou de repente o policia. Pelo que vejo retirou-se ante-hontem?

O lenheiro, que não tinha largado o policia com os olhos, adivinhou immediatamente o seu pensamento.

—Tambem já me lembrei d'esse. Não calcula, esse homem esteve todo o santo dia na estação a olhar como um parvo para toda a gente que lá apparecia. E, justamente, ante-hontem, desapareceu de repente. Achei isso tambem muito estranho.

Sherlock Holmes tirou uma nota da carteira, sem fazer caso das palavras do lenheiro.

Na velha estação que estava situada defronte do Werdenfelsen Michel, entrava precisamente o ultimo comboio da noite vindo de Munchen.

A conversação parou. Os camponezes voltaram-se para os poucos viajantes que acabavam de sair da Gare. Uma joven senhora elegantemente vestida, dirigiu-se directamente para a taberna. A joven hesitou alguns momentos antes de entrar, mas, depois, entrou para a sala, onde estavam os camponezes.

Todos os olhares se dirigiam, cheios de curiosidade, para ella. Sherlock Holmes, mesmo, teve de confessar que poucas vezes tinha visto uma cara tão linda. A sua elegante figura estava escondida por baixo d'uma comprida capa, mas que, em todo o caso, lhe desenhava as formas. O cabelo farto e doirado, pendia-lhe sobre a nuca, tão pesado era.

Admirada olhava em volta de si.

—Para onde tenho de me dirigir, a fim de vêr o assassinado? perguntou ella.

—Como os homens não responderam logo, levantou-se Sherlock Holmes e perguntou.

—Quem procura V. Ex.?

Ella levantou a mão direita, onde se via brilhar uma aliança, e limpou os olhos.

—Queria ver o senhor Rissler.

—Como sabe a senhora que lhe aconteceu uma desgraça?

—As pessoas que entraram para o comboio em Farchant contaram-me. Leve-me agora para perto d'elle, faça favor. Sou mulher d'elle.

N'este momento levantou-se o lenheiro, que não a tinha deixado com a vista e disse:

—Meu Deus! mas é a Vroni!

Ouvindo estas palavras a joven senhora corou. Deitou um olhar timido ao lenheiro e poz ligeiramente a mão em cima do braço da policia.

—Não sei, quem o senhor é.

«Mas já deve saber a horrivel desgraça que aconteceu. Não tenho ninguem a quem dirigir-me. Não me poderia dizer o que eu tenho a fazer para vêr ainda o morto?»

Sherlock Holmes abriu a porta do quarto contiguo, onde áquellas horas já não estava ninguem, e accendeu a luz.

—Queira assentar-se uns instantes, minha senhora. Estou aqui para esclarecer a morte do seu marido, e seria feliz se me quizesse dar alguns esclarecimentos.

—A joven senhora sorriu-se, agradecendo-lhe a amabilidade e assentou-se.

—Acho melhor não ir vêr seu marido hoje, disse Holmes, com uma d'essas amaveis firmezas que não soffria resposta. A senhora expõe-se a uma grande excitação, que de certo lhe fará mal. Se me permite dar-lhe-hei o conselho de não ir vêr seu marido, acho melhor guardar a imagem d'elle no seu coração, tal e qual como o viu quando elle se despediu de si, antes de vir aqui.

—Acha que devo fazer isso? perguntou ella hesitando.

—Seria o melhor, minha senhora. Se não estiveres muito fatigada, pedia-lhe que me respondesse a algumas perguntas.

«O meu nome é Sherlock Holmes.

«Estou aqui para procurar o assassino ds seu marido.

—Então sempre é verdade o que me disseram. Elle foi assassinado?

—Sem duvida alguma.

—E Adamer Lenz foi encontrado a alguns passos distante d'elle?

—Assim é.

A joven senhora desatou a chorar. O seu rosto mostrava um desespero sem limites. Chorava e soluçava, sem ter força para se interromper.

Não tinha escapado a Sherlock Holmes, que a sua dor augmentou, quando se fallou no nome do ladrão de caça.

—E' preciso ter coragem, minha senhora, disse elle depois de alguns momentos, e depois ajuntou:

—Adamer Lenz era grato a seu marido por alguma coisa?

Ella olhou admirada para Holmes e deixou o cair a mão com que enxugava as lagrimas.

—Porquê pergunta isso?

—Não lhe posso dar agora explicação sobre isso. Mas seria uma grande ajuda para esclarecer o caso, se me respondesse com toda a franqueza.

A mulher do guarda-livros morto, olhou durante alguns minutos para o chão. Depois disse:

—Sim, Adamer Lenz devia um grande favor a meu marido.

—Desde quando?

—Desde ha cerca de oito dias, senhor Holmes.

—Interessava-me muito, saber alguma coisa sobre esse facto, minha senhora.

Depois de algum tempo disse:

—Não tem valor nenhum esconder a verdade. O senhor tem o direito de saber tudo, e parece-me que será melhor não lhe esconder nada.

«Ha pouco mais ou menos sete annos era eu ainda uma simples camponeza, fui para Munchen, servir. Tinha sorte, e não tinha; minha cara bonita e a minha juventude proporcionavam-me depressa logares vantajosos, mas tinha, por causa da minha cara e da minha juventude, de os largar tão depressa como os arranjava. N'este tempo, tinha ainda minha mãe, que não comprehendia isso.

«Era pobre, e tinha de a sustentar. Recusei, então, mais, e um dia, quando já cheia de desespero andava na rua da Academia, fui interpellada por um joven artista que me perguntou, se lhe queria servir de modelo.

Como havia pouco tempo que estava na cidade tive de perguntar primeiro o que tinha que fazer para servir de modelo. O artista estava a pintar um grande quadro religioso, e procurava uma cabeça para a Madona.

—Ha semanas que estou a procurar, disse-me elle. Seria feliz se quizesse aceitar a minha proposta. Não poderei encontrar modelo mais bonito. Na sua cara está o que eu procuro. Não tem que fazer mais nada se não vir durante algumas horas para o meu atelier, onde estará assentada durante todo o tempo, que eu estiver a pintar.

«Por isso dar-lhe-hei dez marcos todos os dias.

Fiquei doida de contentamento. Uma quantia igual ganhava eu durante um mez; sem hesitar disse-lhe que sim.

«D'esta vez foi-me menos propicia a minha estrella, porque tinha corrido, sem dar por isso, para a minha desgraça. Mas Peter Burkhart, filho d'um burquez muito rico de München, tinha comprehendido a minha posição e portou-se dignamente, durante todo o tempo que lhe servi de modelo. Estava sempre amavel mas tranquillo e respeitoso. Apesar de ter vindo do campo, era bastante mulher, para comprehender nos seus movimentos, no seu olhar quando me fallava, que me amava. Decerto teria correspondido ao seu amor

se não tivesse a imagem d'um outro na minha alma, ao qual tinha jurado um amor eterno.

«Esse homem era Adamer Lenz de Garmisch. Como receasse que a artista me declarasse um dia o seu amor, quebrei de repente a minha promessa, fugindo do atelier e do bairro onde elle vivia.

«Vi-me outra vez na desgraça:

Tive casas umas atraz das outras, não pude parar em parte alguma, finalmente cheguei a conhecer o meu actual marido. Commetti um grande crime, não fazendo caso do juramento feito a Adamer Lenz, e, farta de soffrer, aceitei a mão do homem que me promettia uma vida tranquilla a seu lado.

«Casei-me. Durante annos, tremia pela vida do meu marido, que nunca cheguei a amar verdadeiramente.

«Ha algum tempo, foi passar uns dias com elle nas proximidades do Eibus, moravamos n'uma pequena casa de campo. Era já noite avançada. O meu marido estava assentado na casa de jantar a ler o jornal enquanto eu estava a tratar d'umas coisas na cozinha. De repente ouvi passos precipitados no jardim. Alguem se aproximava da porta e batem.

«Peguei no candieiro e abri emquanto meu marido tirava desconfiado o revolver da gaveta.

«Deante de mim, estava um homem alto em trajo da montanha, com o sacco em cima do braço esquerdo e, na mão direita a espingarda. O sacco estava cheio de sangue. Viam-se as quatro pernas d'um cabrito montez por fora do sacco.

«O homem estava coberto de suor.

«Não pude reconhecer immediatamente a sua cara, porque estava mascarado.

—Por amor de Deus, disse elle depressa e sem respiração quasi, esconda-me. Os policias estão á minha procura. Se não quer que eu passe a minha vida na penitenciaría, indique-me um esconderijo. Sou um ladrão de caça, para quem as montanhas e a caça constituem metade da vida.

Levantei o candieiro á altura da sua cara e n'esse momento deu a claridade na minha propria cara. Elle deu um grito e deixou cair o sacco e a espingarda.

—Ah, Vroni! gritou elle, estava tão aterrada, que ainda hoje me admiro de não ter deixado cair o candieiro. O meu marido, entretanto, tinha-se chegado ao pé de mim e media o ladrão de caça com um olhar desconfiado.

«N'este momento voltei a mim e tive apenas forças para pensar com ponderação. Compreendi, que em poucos minutos, o rapaz ia cair nas mãos da policia, para acabar finalmente a sua vida entre as paredes da prisão. Puz o candieiro de lado e deitei-me aos pés do meu marido. Por tudo n'este mundo, peço-te que tenha compaixão d'elle. Já te fallei muitas vezes n'elle. E' Adamer Lenz, que foi mais uma vez á caça. Casei contigo contra a sua vontade! Não lhe ficou senão a caça, as montanhas e a liberdade! Elle odeia-te e eu sinto, que tu tambem a odeias! Mas trata-se da sua vida, da sua liberdade! Seria uma vin-

gança horrível e baixa, se tu a entregasses nas mãos da policia!

«Vejo uma lanterna lá ao longe. Depressa, Kaspar, mostra que és um verdadeiro homem.

«Adamer Lenz não tinha dito uma palavra. N'este momento, mostrou Kaspar toda a nobreza do seu caracter.

«Sem dizer palavra com o sacco e a espingarda, que estavam no chão, pegou no brago do Lenz e arastou-o atraz de si para dentro de casa. Escondemolo depressa na cave e assentam-nos outra vez á mesa, como se nada tivesse acontecido. Quando a policia veio, fizemos tão bem o nosso papel, que se foram embora sem procurar.

«Assim livrámos Adamer Lenz da mais horrorosa situação: da prisão.

«Foi então que o vi pela ultima vez. Uma hora depois, foi-se embora. A mim não me disse nada; era esse o seu costume. Mas deu a mão ao meu marido, retendo-a durante algum tempo.

—Nunca esquecerei, disse elle. Se alguma vez tiver percisão de alguém, lembre-se do Adamer Lenz em Garmisch.

«E fugiu, a toda a pressa, pela noite escura.

«A primeira coisa que, desde então ouvi d'elle foi, que havia sido encontrada morto por uma bala ao lado do meu marido no Valle do Inferno.

Sherlock Holmes tinha escutado tudo silenciosamente. Agora via-se um sorriso nos seus labios.

—Minha senhora. Para decifrar um enigma d'esses, é preciso sómente conhecer os homens e julgar logicamente. Eis tudo. Parece-me que, d'aqui a uns dias, poderei dizer-lhe, porque se fez um jogo tão perfeito com a amizade do seu marido.

Ella olhou para a policia com uns grandes olhos interrogativos.

—Julga então que foi Adamer Lenz que o atraiçoo?

Não discutiremos mais sobre esse ponto. Mas dou-lhe licença de lembrar-se de Adamer Lenz com toda a honra.

CAPITULO III

Novas complicações

Quando Sherlock Holmes chegou a Munchen com Harry e a viuva de Kaspar Risser estava um amigo d'este ultimo á espera de Vroni. Ella contou-lhe, em poucas palavras, o que tinha acontecido.

—Como, senhor Holmes, o sr. tomou o caso a seu cargo? perguntou Augusto Kelnner, inclinando-se.

E' uma felicidade. Já não pôde fazer resuscitar o desgraçado Kaspar, mas pelo menos agora, pôde-se ter confiança de que se fará luz sobre esse caso horrivel.

Sherlock Holmes encolheu os hombros. Mas Vroni disse com paixão:

—Não senhor Kellner, não foi o Lenz. O senhor Holmes, na verdade, não me deu explicações sobre este facto, mas eu sinto, que se passou outra coisa.

—A casa de commercio, onde Kaspar esteve empregado offerceu 2000 marcos para a prisão do assassino, disse Augusto Kelnner para Holmes.

«Como agora me foi confiado o logar do meu desventurado amigo, estou em condições de ajuntar, pela minha parte, 1000 marcos. Talvez este premio ajude a apanhar o malfetor mais depressa.

—E' possível, respondeu Holmes, apesar de não dar muito valor á essas coisas.

Depois dirigiu-se para a joven senhora dizendo:

—O senhor Kellner terá agora a amabilidade de a acompanhar a casa. Queria ir immediatamente para o Hotel das Estações, afim de fazer os meus preparativos.

—O senhor mora no Hotel das Estações?

—Sim. O senhor admira-se d'isso? respondeu Holmes.

—Não sabe então nada ainda, senhor Holmes?

—O que quer o senhor que eu saiba? perguntou o grande policia.

—Que esta noite mataram um rico americano alli. Esta manhã foi encontrado o senhor Harry Wilson, assim se chamava o homem, assassinado na cama.

—Quem? exclamou o policia tão alto que Harry todo assustado parou.

—O senhor Wilson, respondeu August Hellner. O senhor conhece-o?

—E' o mesmo americano, que appareceu e desapareceu de repente em Garmisch, respondeu Sherlock Holmes tranquillamente. Mas isso só constata o meu calculo.

Elle despediu-se e tomou um trem ordenando ao cocheiro que não dirigisse para o Hotel das Estações, mas para a casa de commercio.

—Pódes acompanhar-me, disse Sherlock Holmes tranquillamente para Harry. Já annunciei ao chefe da casa a minha vinda, de Garmisch. Acho esta conferencia muito importante e espero que me ajudará a fazer luz sobre os dois assassinatos.

Um criado conduziu Holmes para o gabinete particular do chefe da casa.

Um sujeito já de idade com cabello grisalho e cara rapada recebeu Sherlock Holmes muito amavelmente.

—Não sei como agradecer tanto trabalho, senhor Holmes. A morte do nosso guarda livros causou-nos na verdade muita pena, apesar de... elle calou-se e indicou um *fauteuil* com a mão.

—Pego-lhe, senhor chefe, que falle francamente commigo. Das suas explicações depende o lado para onde heide dirigir as minhas investigações. O senhor Risser esteve durante dez annos ao seu serviço?

—Sim, senhor Holmes.

—Conheceu-o sempre serio, trabalhador e digno de confiança?

—Sempre, até estes últimos seis mezes.

—Notou, então, que Kaspar Risser se tornou menos consciencioso?

—Sim, infelizmente. Apesar de não se dever dizer mal dos mortos, tenho de lhe confessar que, ha tempos, andava a pensar se não seria melhor pôr no lugar de Kaspar Risser o senhor Augusto Kellner que tinha até agora o lugar de secretario.

—Em que se manifestava o desuido do sr. Risser?

—Em muitas coisas. Algumas vezes não concordavam as contas, e quando depois da sua morte, verifiquei os livros, encontrei incorrecções. N'uma palavra: parece que Kaspar Risser se tornou culpado no desfalque, cujo valor ainda se tem de constatar.

—Ah! isso é muito interessante!

—Não é verdade? E' por isso que nós ficámos todos admirados quando soubemos todos os factos estranhos que se ligavam com a morte de Kaspar Risser. Eu estive, logo do começo convencido de que tinha sido elle que se havia suicidado. Notei ainda que, no dia seguinte, tinha de dar conta de 10000 marcos e que esses 10:000 marcos não foram encontrados no seu bolso.

—Então temos occasião de fazer uma combinação nova que dará n'este caso tão confuso, a verdadeira luz, enterrompeu Sherlock Holmes.

O chefe levantou-se.

—Agradeço-lhe as suas importantes explicações, proseguiu o policia, peço-lhe que me diga, ainda, se Kaspar Risser trazia alguma carteira oomsgo, e se se lembra do feitio e da côr.

—Sobre isso, posso dar-lhe as melhores explicações. O meu guarda-livros tinha uma carteira muito bonita amarella, de coiro, que lhe dei pelo natal este anno. A carteira tem um monogramma com as seguintes letras: K. R.

—Agradeço-lhe. Eis tudo o que eu queria saber.

Depois de se encontrar outra vez na rua, disse Holmes para Harry:

—Não notaste, Harry, que lindo chapéu trazia a senhora Risser?

—Sim, mestre. Estava muito elegantemente vestida. Na verdade, elegantemente de mais para a sua posição.

—Observaste muito bem. O chapéu é um dos últimos modelos da moda. Interessa-me, na verdade, saber quanto pôde custar um d'esses chapéus.

Os dois tomaram em seguida um trem e foram para a loja Nenz em Maffeistrasse, depois para a loja do Warmser, na Theatinerstrasse. Allí, teve as explicações desejadas.

A senhora Risser era fregueza d'aquelle estabelecimento, ha um anno.

—O ultimo chapéu que comprou já está pago de certo? perguntou o policia.

A modista foi vêr no livro.

—Sim senhor, já está pago.

—Poderia dizer-me quanto custou o ultimo chapéu?

—Era um chapéu modelo e custou setenta marcos.

—Agradeço-lhe.

Harry estava tão admirado que não sabia o que dizer.

—Mas isso é extraordinario, mestre. Como pôde uma senhora d'aquelle posição gastar tanto dinheiro n'um chapéu?

—Pôde, porque o marido roubou a quantia necessaria para isso, respondeu Sherlock Holmes, sorrindo. Mas não é o mais interessante do caso, porque isso acontece muitas vezes. A mim parece-me que Kaspar Risser gastava muito mais dinheiro que é possível gastar em *toilettes*. Uma pergunta encerra todo o enigma.

—D'onde teria vindo a Vroni, a antiga camponeza, esse gosto mundano? Como lhe viera essa idéa de luxo?

—Talvez fosse o marido que gostasse do luxo, interrompeu Harry.

—Do luxo sim, mas não lhe pôdia inspirar o gasto, Kaspar Risser era simples demais para isso. As mulheres d'esta posição aprendem a amar o luxo só pelo peccado.

Harry queria dirigir mais algumas perguntas a Sherlock Holmes, mas este já não parecia estar disposto a dar mais explicações. Dirigiu-se com passo apressado para o Hotel da Estações.

Apenas Holmes tinha entrado para o hotel, o porteiro dirigiu-se a elle dizendo-lhe:

—O senhor director manda-lhe pedir uma entrevista por causa d'um caso importante.

Vendo que Sherlock estava disposto a aceitar a entrevista levou-o para o escriptorio.

Quasi ao mesmo tempo que Holmes e Harry, entrou o director do hotel. A sua physionomia mostrava uma excitação não fingida.

—Esperei-o com ansiedade, senhor Holmes. Talvez já saiba o que aconteceu aqui no hotel?

—O senhor Wilson de New York foi assassinado no seu quarto, não é verdade?

—Sim. Foi encontrado esta manhã. O seu cadaver ainda está no quarto, porque a policia por motivos especiaes, me deu licença, só esta tarde de o mandar retirar. Se eu o deixasse levar para fora do hotel de dia, ficaria perdida a fama do hotel. Ha apenas alguns dos nossos hospedes que sabem do acontecimento, mas deserto, d'aqui a pouco, quando vier o jornal da noite «As Ultimas Novidades» toda a gente o saberá, n'um instante.

—Casos d'esses é difficil esconder, respondeu Sherlock Holmes, o melhor n'essas coisas é sempre a claridade. Um assassinato pôde fazer-se em toda a parte; porque não poderia acontecer no Hotel das Estações? Mas a fama do seu hotel não parece ser n'este momento a coisa principal.

«Parece que, d'aqui a pouco poderemos prender o assassino.

— Isso, então, seria uma grande felicidade para nós, disse o director. Logo que se saiba que não foi nenhum dos nossos criados o culpado d'essa horrivel acção, já não receio pelo nome d'este estabelecimento.

— Queira ter a bondade de me levar até junto do morto.

— Com muito gosto, senhor Holmes.

— Os homens percorreram o comprido corredor até chegar a uma porta que o director abriu.

— Faça favor, senhor Holmes, de entrar.

O assasiado era um homem magro e fraco. Os seus dedos pontegudos indicavam que era homem muito nervoso. Sherlock Holmes aproximou-se da cama, onde estava deitado e examinou-o.

— O senhor Wilson foi assassinado como se pôde calcular, durante o sono. A ferida foi feita com punhal que estava afiado dos dois lados. O assassino, conforme todas as apparencias o indicam estava preparado.

O policia olhou para uma parede que tinha uma porta.

— Esta porta estava fechada?

— Sim, senhor Holmes.

— Também esta manhã?

— Sim.

— Ouviu o hospede que dormia ali do outro lado alguma coisa suspeita?

— Parece que não, porque não disse nada quando partiu.

— Que bagagem tinha elle consigo.

— Uma mala castanha de coiro. Mais nada.

— Em que dia chegou?

— Hontem á noite.

D'onde veio?

— De Paris.

— Para onde foi?

— Para Wien.

— Quando?

— Esta manhã ás sete horas.

— A que horas descobriram o assassino?

— Ás oito. Porque o senhor Wilson desejava ser acordado a estas horas.

— Que nome escreveu aquelle sujeito no livro?

— Chamava-se Jack Rochefort.

— Posso ver o nome?

— Decerto. O director chamou um creado e ordenou-lhe que trouxesse o bilhete de aviso do quarto N.º 12.

— Que apparencia tinha esse Jack Rochefort?

— O director reflectiu um instante.

— Só o vi fugitivamente, senhor Holmes. Com me lembre é um sujeito bastante forte, elegante com cabelleira preta e barba russa á «Henrique IV».

O creado veio com o bilhete de aviso. O policia deitou-o em um olhar e mettu-o na algibeira.

— Desculpe, senhor Holmes. Tenho de entregar o bilhete á policia.

— Não o entregue e diga que fui eu que o guardei. Decerto já esteve cá uma commissão judiciaria?

— Sim, o senhor commissario disse, que dera já as suas ordens para se prender o senhor Rochefort em Wien. O senhor vê que a policia segue a mesma pista que o senhor Holmes.

— Sherlock Holmes sorriu.

— Acha isso? Pois eu posso affiançar lhe, com toda a certeza, que Jack Rochefort não foi o assassino do americano.

— Mas como pôde o senhor Holmes affiançar isso com tanta precisão?

— Porque conheço muito bem o assassino.

O director do hotel olhou abismado para Holmes.

— Não sei o que quer, dizer senhor Holmes.

O policia bateu-lhe nos hombros.

— Isso tambem já aconteceu a muita gente, senhor director, tenha paciencia. D'aqui a pouco, se Deus quizer, poderemos entregar á justica o homem que conseguiu commetter um assassínio tão horrivel n'um dos primeiros hoteis de Muchen.

«Agora, Harry, vamos para o nosso quarto comer alguma coisa, porque um policia, sem forças, não presta para nada.

Harry acompanhou o seu mestre, enquanto o director dava ordem para servir immediatamente o policia.

Depois da refeição, estendeu-se Sherlock Holmes em cima do sofá, fumando, durante algum tempo silencioso, no seu cachimbo.

O fumo do cachimbo fez uma densa nuvem até que, por fim, já não se podiam bem distinguir os objectos do quarto.

— Harry—

— Senhor Holmes.

— Telephona lá para baixo ao porteiro para mandar um moço.

— Immediatamente senhor Holmes.

Cinco minutos depois appareceu o moço.

— Harry escreve um bilhete para Augusto Kellner e diz-lhe que lhe peço a fineza de ir almoçar commosco «Kafbrauhans» serviço tres. Preciso algumas explicações d'elle. Pego-lhe tambem que me responda se pôde vir ou não.

Harry escreveu o bilhete e subscriptou.

— Vá immediatamente para a casa de commercio X. na Nenhencoestrasse, disse Sherlock Holmes para o moço, e entregue este bilhete, na sua direcção. A resposta deve-me ser entregue aqui no hotel.

O moço foi-se embora.

— Mas porque escolhe justamente o «Kafbrauhans» para a sua entrevista, senhor Holmes? perguntou Harry.

Porque quero conhecer as maravilhas de Munchen antes de me ir embora da capital da Baviera, onde, decerto, jámais voltarei.

Harry calou-se uns instantes e depois disse:

— O senhor esconde-me o principal. Sei muito bem que não é seu costume fallar sobre uma coisa sem ter

a completa certeza. Mas d'esta vez anda n'um labirinto de contradições.

«Tenho a certeza de que já encontrou a chave do enigma e que, a estas horas, já sabe mais do que ninguém d'este caso excepto o assassino, bem entendida.

—Tens razão, Harry, também não quero martyrisar mais tempo a tua curiosidade e por isso, vou dar-te as explicações necessárias. Talvez encontres nas minhas palavras um exito.

Querias saber uma coisa, antes de tudo, disse Harry:

—Quem assassinou Adamer Lenz e quem assassinou Kaspar Risser?

—Uma e a mesma pessoa.

—Mas como é possível, senhor Holmes, que um pacato passeante e um ladrão de caça que está sempre preparado para o combate sejam assassinados ao mesmo tempo?

—Cheguei a um resultado magnifico. Quando encontramos o cadaver do ladrão de caça, deram-me logo na vista, os rastros que partiram d'elle até á clareira.

«Talvez te recordes que alguns arbustos obstruíam o caminho, estando arrancados violentamente. O homem, que passou por ali, devia ter tido muita pressa. Não podia ser o assassino porque o tiro partiu de mais longe.

E, depois, via-se no sitio, onde estava deitado o ladrão de caça, ao lado dos vestígios das suas botas ferradas tambem os vestígios d'uma segunda pessoa. Logo que reconheci isto, pedi ás outras pessoas presentes que se retrassem um momento, para não apagar os vestígios. A coisa estava já clara para mim quando Vroni pela sua historia confirmou a minha suposição.

«O tiro, do qual foi victima Adamer Lenz não era destinada a este, mas sim a Kaspar Risser. D'um maneira qualquer, inexplicavel para nós, o ladrão de caça soube da machinação contra Kaspar Risser, ou talvez visse mesmo o assassino.

«No momento em que foi atirado o tiro fatal lançou-se deante de Kaspar Risser para o livrar d'elle e foi assim attingido pela bala em logar d'este.

Se Adamer Lenz se mostrou só n'este momento a Risser, ou se os dois já tinham andado algum tempo juntos, não se pôde saber agora, e mesmo isso não tem importancia alguma para o caso.

«Quando Kaspar Risser viu cair Adamer Lenz, depois de ter ouvido o tiro fugiu cheio de terror encosta acima para ir cair directamente nas mãos do assassino. Este tinha bastante sangue frio para esperar a sua victima e para lhe desfechar, no momento em que se approximassem, o tiro mesmo no peito. Adamer Lenz decerto não se deixou assassinar sem se defender, atirando ainda um tiro que infelizmente não chegou ao seu destino.

—Mas, como parece, Kaspar Risser reconheceu

o perigo e atirou igualmente dois tiros como prova o seu revolver.

—Muito bem. Mas as balas que foram desfechadas do revolver puzeram termo á vida de Kaspar Risser e não á do assassino.

—Ah, agora comprehendo.

O revolver pertencia ao assassino e não a Kaspar Risser.

Logo que o assassino matou Adamer Lenz com a espingarda, esperou Kaspar Risser com o revolver, e este ultimo veio para tão perto d'elle que o matou com a maior facilidade.

—E' isso mesmo. Assim, pouco mais ou menos se passou o caso. E'-me favoravel ainda que o assassino deixou-me o seu cartão de visita. Encontrei na gola de Risser o signal do dedo pollegar ensanguentado que só pôde vir d'elle.

—Mas agora, senhor Holmes, não tenho ideia de quem pôde ser accusado como assassino.

—Saberás muito depressa, respondem Sherlock Holmes sorrindo-se e levantando se. Agora vamos para o commissariado da policia, porque o assassino do americano interessa-me extraordinariamente. E' com que será acabada a nossa tarefa de hoje.

N'este momento, entrou o moço e entregou a resposta a Holmes.

O policia leu a carta e deu um marco ao moço.

—Está bem, Harry, manda vir um trem.

Dez minutos depois entrou Sherlock Holmes para o escriptorio do director de policia.

—Ah, senhor Holmes, estamos fóra de nós, exclamou o chefe da policia, o caso de Garnisch não tem nada commosso, mas, como o assassinado era de Munchen, exigiram de nós fazermos todo o possível para encontrar o assassino. E andamos, a esse respeito, ainda completamente na escuridão.

«O povo de lá de fóra tende muito para a brutalidade.

Temo muito que a mudança de gare, que esculdava, ha muitos mezes as cabeças, dêsse ensejo a este horrivel crime.

—Julgam então que o homem, a quem Kaspar Risser fez uma partida, tivesse commettido o assassinato?

—Sim, e não, respondeu o director. E' preciso termos muita cautella n'este caso.

«A bocca do povo indica «Hinterlandner Peter» como o assassino. Mas nós devemos dar grande peso a isso. Ha muitos motivos que depõem contra elle, e a auctoridade de Gamisch já o interrogou.

«D'este interrogatorio segundo parece, não surgiu nenhuma luz.

—Como assim, senhor director?

—Telephonaram-me o resultado d'esse interrogatorio.

Winterlandner saiu na noite do assassinato com a espingarda.

Pretende, que foi simplesmente passear, mas decerto ninguém acredita. Winterlandner é um lavrador

de cêrca de trinta annos de idade, muito forte, que herdou ha tres annos as propriedades de seu pae.

«E' um dos mais ricos proprietarios de Gamisch, e conhecido por se deixar arrastar facilmente á brutalidade. Se se chegar a ter mais provas ainda contra elle, será preso.

—Não seria possível, senhor director que, Winterlandner tivesse á mesma paixão que o infeliz Adamer Lenz?

«Isso explicava o caso.

—Quer dizer, que Winterlandner Peter estava na caça furtiva n'essa tal noite?

—Essa supposição é bastante sensata. N'este caso, tambem se explicava porque Winterlandner Peter não quer indicar um alibi.

O director da policia enrôlheu os hombros.

—Tambem tive essa ideia, e telephonei ao juiz de Gamisch, participando-lhe isso. Mas o juiz respondeu-me que nunca imaginou encontrar Hinterlandner na caça furtiva. Isso era mesmo impossivel, porque em primeiro logar Hinterlandner não era caçador e, em segundo logar, possui uma linda caça, da qual elle nunca se aproveita. Agora pergunto-lhe o que podia ter seduzido Hinterlandner á caça furtiva?

Sherlock Holmes fez uma physionomia grave.

—Tem completamente razão, senhor director. Isso é um ponto que se não deve passar por cima, sem lhe dar importancia. Espero que a policia de Gamisch deslindará o caso. A mim interessa-me actualmente o assassinato do americano do Hotel das Estações muito mais e peço-lhe que me mostre tudo o que se encontrava junto do morto. Já fui ver o cadaver e observei que tudo que tinha o americano foi apprehendido pela policia.

O director da policia abriu uma gaveta da sua secretaria.

—Isto é o segundo caso estranho em que ando envolvido e que me dá mais cuidado do que o primeiro. Um certo Rochefort não chegou até hoje a Wien. E, em Paris será difficil encontrar o verdadeiro, visto que o homem que estava hospedado no quarto contiguo ao do sr. Wilson, deu naturalmente um nome falso. As perseguições a esse respeito continuam de cada vez mais activamente e o juiz desconfia de que o senhor Wilson suicidou-se.

«Soube mos que o americano esteve, este anno, durante uns tres mezes, n'um sanatorio de doencas nervosas.

—N'uma palavra, o senhor julga que o sr. Wilson, n'um ataque nervoso deu as facadas que o mataram.

—E' uma supposição que tem bastante fundamento.

—Encontrou-se qualquer arma que pudesse affirmar essa supposição? perguntou Sherlock Holmes.

—Foi justamente isso que despertou ao juiz essa ideia. Ao lado do morto estava essa faca cheia de sangue.

O chefe da policia apresentou a Holmes um canivete forte.

Holmes voltou-o de um lado para o outro e disse finalmente:

—Uma linda faca, que o sr. Wilson comprou em Philadelphia. Infelizmente tenho a contradizer a opinião do senhor juiz. Essa faca prova-nos que o assassino foi um grande espartalhão. As facadas foram dadas com um estylete que estava afiado dos dois lados. Esta faca só está afiada d'um lado. O que se encontrou mais?

—Nada de importancia, sr. Holmes. O mais estranho n'este caso é o dinheiro que o americano tinha com elle, cêrca de 3.000 marcos.

«Não se trata pois de roubo.

Dizendo estas palavras, entregou o chefe da policia uma carteira de coiro amarello a Sherlock Holmes, que trazia as leitras: K. R.

Sherlock Holmes voltou a carteira e mirou-a de todos os lados.

Continha na verdade 3.000 marcos em notas de banco.

—Sabe a quem pertencia primitivamente esta carteira?

O director da policia sacudiu a cabeça.

—Não posso saber isso, sr. Holmes.

—Mas sei-o eu muito bem!

—Parece que, em summa, o senhor sabe tudo.

—Não lhe participou o chefe da casa commercial O, que o assassinado Kaspar Risser não deu conta dos ultimos 10.000 marcos.

—Não me importe nunca mais com isso. Essas particularidades pertencem ás auctoridade de Gamisch.

—Ah, sim!... Só queria dizer-lhe que esta carteira pertencia, ha poucos dias, a Kaspar Risser assassinado em Gamisch.

O director da policia abriu os olhos e a bocca espantado.

—O que diz o senhor? Mas d'isso é... mas isso é... é impossivel!

—Mas eu digo-lhe que é a pura da verdade. Desconfiei, pouco mais ou menos isso, e foi por esse motivo que lhe vim fazer visita hoje. Guarde muito bem a carteira porque será de grande importancia para convencer o assassino.

«E agora, peço-lhe, senhor director, que, no caso de lhe pedir pelo telephone auxilio, me mande immediatamente uma duzia de policiaes!

—Estão todos ás suas ordens, sr. Holmes.

Com um sorriso tão mysterioso como ironico dirigiu-se Holmes para o Hotel das Estações com Harry.

—Mas como passou Kaspar Risser...

CAPÍTULO IV

O carnaval em «Hofsbauhans»

Eram pouco mais ou menos dez horas quando Holmes e Harry chegaram a Hofsbauhans, onde se instalaram na sala toda ornamentada do primeiro andar.

O policia já tinha bebido o segundo copo de cerveja.

—Se eu não fôsse Sherlock Holmes queria ser aqui de Munchen e chamar-me Huber, disse elle, começando a comer os chouricos que uma velha e corpulenta criada, de nome Vanni, lhe servia.

—Sim, não ha nada melhor do que a cerveja de Munchen. Tem razão, sr. Holmes, respondeu Harry, que sentia, com horror, que a cerveja forte lhe subia já á cabeça.

O ar era um pouco forte o que favorecia o effeito da cerveja. Alem d'isso, havia, apesar de ser ainda muito cedo, já uma grande animação.

A sala estava cheia de homens que estavam assentados a umas mesas compridas que se estendiam pela sala fora como umas grandes bixas solitarias. N'um dos cantos estava instalada uma banda de musica de camponezas, que executavam uns trechos a que não faltava a animação.

Harry olhou para todos os lados. A alguns passos de distancia d'elle estava assentado um moço de fretes, bebendo um terceiro copo de cerveja e ao lado d'esse estava instalado um sujeito elegantemente vestido. Vis-à-vis estavam uns sujeitos gordos, que a cada copo que bebiam, faziam um risco a lapis em cima da mesa. Assim estavam as mesas cheias de pessoas de diferentes classes, que se entretinham a conversar sobre todas ás coisas possíveis. A conversa estava muito animada, e fallava-se, sobre tudo muito alto por causa da musica.

—Mas por que nos viemos assentar aqui? perguntou Harry. Se nos tivéssemos assentado do outro lado da mesa, não tínhamos tão directamente a musica aos nossos ouvidos.

—Não é por amor ao espectáculo, respondeu Sherlock Holmes. Mas o serviço numero tres tem, para mim, uma atracção particular.

Harry sacudiu a cabeça sem comprehender nada, e deitou um olhar triste para a gorda Vanni. Tinha uma ideia muito diferente das criadas dos restaurantes de Munchen.

A velha Vanni acabava de atravessar outra vez a sala vastissima. Trazia em cada mão, doze copos de cerveja e gritava com uma voz de trovão:

—«Sance» meus senhores! Quem, ao ouvir esta palavra «sance» não se afastava depressa, era baptisado com a espuma que saltava dos copos.

—Não foi de certo a criada que o attrahiu para o serviço tres, começou de novo Harry.

Holmes olhou para elle um pouco zangado.

—Estás hoje horrivelmente teimoso, querido Harry. Mas porque queres saber, o que o serviço tres tem de especial para mim?

—Palavra de honra, sr. Holmes, não lhe perguntava nada se acreditasse que esse serviço tem alguma relação com o assassinato de Adamer Lenz assim como o outro crime. O Hotel das Estações, o Valle do Inferno e o Hofbrauhans em Munchen são coisas tão diferentes, que, a fallar a verdade, não posso encontrar relação alguma entre tudo.

—As coisas que parecem não ter relação alguma ligam-se muitas vezes por um fio muito fino, e seja isso só uma ideia, um pensamento, uma pequena e insignificante acção. Pequenos motivos, grandes effectos. Olá, Vanni, traga mais um copo.

A rochonchuda criada veio a correr.

Emquanto agarrou o copo, inclinou-se Holmes para ella e disse-lha:

—Diga-me lá, Vanni, lembra-se dos hospedes que serve durante o dia?

—Sim, sim. Nos outros dias, sim. Agora durante os dias de carnaval não fixo toda a gente.

—O carnaval começou só ha tres dias e o que me interessa passou-se ha quatro dias, pouco mais ou menos. Talvez se lembre ainda d'um sujeito que estava assentado aqui n'este mesmo logar, serviço tres, e que lhe pediu uma guia?

—Sim, lembro-me muito bem. Era um sujeito bastante forte de cabello preto e barba russa, com um grande bigode. Depois afastou-se.

—Com bigode, quer dizer: á «Henrique IV» disse Holmes sorrindo. Harry saltou da cadeira.

—Mas com mil demonios, mas foi assim mesmo que o director do Hotel das Estações descreveu o tal senhor Rochefort.

—Muito bem. Vês, finalmente claro em tudo isso, querido Harry?

—Ainda não, mestre. Adivinho só que este sujeito estava aqui no Hofbrauhans ha uns dias e que estudou o guia. Mas ainda não comprehendi como soube que este homem esteve aqui no serviço n.º 3.

—Haverá ainda muitas coisas que te parecerão estranhas, querido Harry. Mas ali vem justamente o sr. Hellner e a senhora Risser.

Elle levantou-se e foi ao encontro dos dois. Harry tirou á senhora Risser a elegante capa.

—E' muito amavel da sua parte ter trazido a senhora Risser, disse Sherlock Holmes, assentando-se.

—Não me deu licença para isso, respondeu Augusto Kellner, mas pensei, que ella podia ouvir tudo o que temos a dizer. Ella está ao facto de tudo.

—Ah, senhor Holmes, estava ansiosa por o tornar a vêr, disse a joven senhora com um sorriso amavel, emquanto lhe deitava um olhar ardente. Já obtive algum resultado? Será possível descobrir a chave d'esse enigma.

—Paciencia, minha senhora, respondeu Sherlock Holmes.

«A verdade está no caminho. Queria pedir algumas explicações ao senhor Kellner a respeito das circumstancias financeiras do seu marido.

A joven senhora olhou admirada para o policia e deitou, depois, um olhar de consternação para a cara rapada de Kellner que passou a mão por cima da cabeça muito atrapalhado.

—Não posso dizer muito a esse respeito, respondeu Augusto Kellner. Kaspar Risser era meu amigo. Sei apenas que gostava um pouco mais do que lhe permitiam os seus haveres; mas não lhe sei dar mais explicações.

O olhar de Holmes fixou-se severamente nos olhos de Vroni.

—Na verdade, não sei de nada, não tenho conhecimento de coisa alguma, gaguejou ella. Por amor de Deus, senhor Holmes, soube alguma coisa de desagradavel? Seria possível que o meu marido se tivesse suicidado?

—Fallaremos n'isso mais tarde, respondeu Sherlock Holmes. Mas, agora, deixemo-nos de fallar n'esse assumpto, porque aqui não é logar proprio para uma conversa d'essas.

O policia disse estas ultimas palavras referindo-se a tres homens que acabavam de chegar e que se tinham assentado o mais perto d'elle possível. Eram tres homens fortes vestidos com o fato nacional montanhez da Baviera. Sepp, o lenheiro, o guia montanhez, e um terceiro camponez.

Os tres fingiram não ter visto Holmes.

Começaram a discutir animadamente a questão da nova estação e beberam, em menos de cinco minutos, cada um, um copo de cerveja enorme.

—Bebam, rapazes, disse o Sepp, o lenheiro. Sou eu que pago tudo hoje. Cada um pode beber dez copos se lhe apeteecer. Não ha falta de dinheiro.

Os outros dois continuaram de beber muito satisfeitos.

—Diga lá, Sepp, disse o guia, onde arranjaste tanto dinheiro para nos pagares a viagem para Munchen e todas as despesas aqui?

O Sepp fez uma careta.

—Estão mortos por saber isso, mas não lhes direi nada.

E, quando sentiu o olhar de Holmes espantado sobre elle, enfureceu-se de repente e gritou:

—Ninguém tem nada com isso, ninguém. Os dois patifes deviam ter ficado em casa. Elles não sabem nada. Mas nós sabemos quem matou Adamer Lenz, tambem sabemos quem assassinou Risser de Munchen. E diremos e provaremos a verdade, que nos importa que os dois nos denunciem por offensas!

—Ali vem elles, disse o guia mostrando os dois homens que acabavam de entrar na sala.

Um d'elles era um camponez forte de hombros largos; o outro era um rapaz de 25 annos que trazia uma espingarda ao hombro.

—O Jaga e o Hinterlandner, disseram os tres furiosos.

—Vá, assentem-se aqui, patifes, gritou o lenheiro, a quem a cerveja já tinha subido á cabeça

O caçador queria assentar-se n'uma outra mesa mas Hinterlandner não o admittiu.

Os dois hesitaram durante uns momentos e, depois, dirigiram-se directamente para a mesa e assentaram-se entre o grupo dos tres camponezes e Sherlock Holmes e Harry.

O policia encheu o seu cachimbo.

—Agora é que a coisa se vae tornar interessante Harry, disse elle, baixinho.

—Não te despertou a attenção, esse pobre lenheiro de repente apparecer rico?

«E o que querem elles aqui em Munchen? Pelo que vejo está-se aqui a arranjar um processo de offensas. O lenheiro offendeu com as suas suspeitas Hinterlandner e o coiteiro. Mas, conforme todas as apparencias, o lenheiro espalhou essas offensas em Munchen, quando era, em Gamiseh, que se fazia o debate.

A musica começou a tocar outra vez. A sala estava cheia e a animação era grande. Alguns dos musicos começaram a cantar umas cançonetes nacionaes.

O lenheiro animou-se e gritou:

—Vamos rapazes, cantemos tambem, e começou logo, em seguida, a cantar com voz de trovão:

Durante o dia brilha o sol,

Depois levanta-se a lua.

Por ultimo dirigiu umas palavras offensivas aos recém-chegados.

Apenas Hinterlandner ouviu essas palavras levantou-se furioso.

—Repete lá outra vez, patife.

Bateu em seguida, em cima da mesa e com o punho cerrado aproximou-se do lenheiro prompto para o combate.

—Porque não queres que diga a verdade, respondeu Sepp, depois de se ter assegurado que o guia estava ao seu lado.

—Então, diz lá onde estiveste na tal noite.

—Não, não o direi.

—Então foste tu sempre.

«Estiveste no Valle do Inferno, e deste um tiro. Tu e o Jaga.

—Estrangular-te hei se repetes isso outra vez, gritou Hinterlandner fóra de si. Eu, um assassino! Se queres por força saber onde estive, bicho venenoso, vou dizer-t'o. Estive em casa de Leni.

A musica não tocava, por isso se ouviam todas as palavras que se proferiam.

O lenheiro juntou as mãos magras por cima da cabeça.

—O quê? Estiveste em casa da Leni? Ouviste, Jaga?

Este, ao ouvir o nome de Leni, deu um salto na cadeira como se fosse mordido por um bicho mau.

Com os olhos brilhantes mediu Hinterlandner de alto a baixo.

— Isso não é verdade, Leni não fazia uma coisa d'essas. Leni é a minha namorada, comprehendes?

Mas Hinterlandner não fazia caso do que Jaga dizia. O seu pulso de ferro tinha agarrado o lenheiro. Puxou-o por cima da mesa de tal maneira que os seus enormes sapatos caíram para o chão, dando-lhe em seguida uma boa tarefa. O guia veio auxiliar Sepp, Jaga tinha agarrado Hinterlandner, o guia agarrou outra vez Jaga, e n'um momento envolveram-se os quatro n'uma grande desordem.

De repente, viu-se brilhar na mão do Hinterlandner uma faca.

Mas rapidamente, como um raio, Holmes lançou-se no meio dos quatro. Com uma força que fez admirar todos os presentes, separou os combatentes e forçou-os a assentarem-se nos bancos.

— Quer então ter um assassinio na consciencia? perguntou a Hinterlandner Peter que ainda tinha a faca na mão.

Entretanto, tinham chegado tres creados com as mangas arregaçadas que pediam aos hospedes que fossem continuar o seu conflicto n'outra parte.

Envergonhado e furioso ao mesmo tempo o lenheiro pagou a cerveja e saiu com os seus dois companheiros.

Jaga e o Hinternelandr reuniram-se a elles.

«Um *intermezzo* comico, não é verdade? disse Augusto Kellner a Holmes. Um caso d'estes decerto nunca o senhor viu em Londres?

— Não; tem razão. Ali os individuos têm outras manias.

Já li muitas das suas aventuras, e posso muito bem imaginar os criminosos com os quaes o senhor ali tem de combater.

«Mas parece-me que os camponeses da Baviera vão dar tanto trabalho como os criminosos de Whitechapel. Seja cauteloso na perseguição do assassino. As facas dos nossos camponnzes são mais ligeiras ainda do que as balas dos revolvers dos criminosos inglezes.

— Tive agora mesmo um exemplo, respondeu Holmes com um sorriso. Mas isso não seria um obstaculo ao meu fim.

Voltamos para casa, Harry?

— Toda a nossa boa disposição se estregou com essa zanga. Tambem eu volto para casa.

Auguste Kellner levantou-se apressadamente.

— Vou acompanhal-a, minha senhora.

— Mas não queira isso. Não, agradeço-lhe muito, senhor Kellner, vou sosinha.

Os olhos de Kellner começaram a brilhar.

— Porque recusa a minha companhia, senhora Rissler? perguntou elle, não sou eu competente para a acompanhar? como amigo do morto, que era seu marido, sinto-me obrigado, a interessar-me por que não lhe aconteça nada.

— Não me acontecerá nada, respondeu Vroni depressa.

— Mas temos a seguir o mesmo caminho, teimou Kellner.

E' todavia desejo meu ir sosinha, respondeu exaltada a joven senhora.

— Então, como queira. Mas deixe-me dizer-lhe, que a sua conducta é muito extranha. Não acha tambem, senhor Holmes.

O policia encolheu os hombros e calou-se.

— Então se me quer acompanhar por força, venha, retorquiu a senhora Rissler. Mas eu digo-lhe desde já que não vou immediatamente para casa, mas sim para a Galerienstrasse N.º 17.

Augusto Kellner olhou para ella admirado.

Para a Galerienstrasse? O que tem a senhora que fazer ali.

— Vou visitar uma amiga, respondeu Vroni, olhando para o chão.

As faces fizeram-se-lhe rubras, e empregou todos os esforços para esconder a sua atrapalhão, mas foi em vão.

Em seguida levantou-se e deixou que lhe puzessem a capa em cima dos hombros.

Depois de ter despedido, saiu da sala, ao lado de Augusto Kellner.

Apenas fecharam a porta Holmes saltou da cadeira e lançou o dinheiro da despeza em cima da mesa.

— Depressa Harry, temos de fazer uma corrida a pé, se não tivermos a felicidade de encontrar um automovel.

— Mas o que ha então de novo, senhor Holmes? Para onde vae?

— Para a Galerienstrasse 17, 4.º andar, em casa do pintor artistico Peter Burkhart.

CAPITULO V

O drama no atelier

— Se tivermos uma pouca de sorte vamos talvez agora passar uma das nossas aventuras mais interessantes, disse Sherlock Holmes, emquanto os dois subiram os quatro andares da casa.

Deante d'uma porta que estava mesmo na frente do sotão pararam.

N'um bocado de papelão estava escripto:

Peter Burkhart

Pintor

Sem mesmo reflectir, em seguida Holmes tirou uma gazuza da algibeira e abriu a porta silenciosamente.

O senhor vae arrombar a porta? perguntou Harry. Sim, porque não temos tempo a perder e não me

importa com esses pequesenas. D'aqui a cinco minutos estará cá Vroni e depois seria impossível entrar. Evita o mais pequeno barulho.

A porta abriu-se facilmente.

Sherlock Holmes e Harry estavam agora n'um estreito que corredor se achava coberto com um tapete velho. Devagarinho e com mil cuidados andaram os dois.

Um pesado reposteiro separava o atelier do corredor. Enquanto Harry ficou no corredor, Holmes foi para os quartos de dentro. Encontrou em primeiro lugar uma pequena antecâmara que estava arranjada d'uma maneira singular. Uma porta aberta ligava-a com o proprio atelier.

Não se viu nada do pintor.

Só quando Holmes se adeantou de rastros até á porta do atelier viu um mancebo pallido, que estava deitado no *chaise longue* a fumar. Tinha deante de si um livro, no qual lia. Sherlock Holmes voltou para traz e ordenou a Harry que o seguisse.

Como serpentes, arrastaram-se os dois pela casa e, entrando n'um quarto, esconderam-se por baixo da da cama, que estava a um canto. Essa cama estava toda envolvida n'uma cortina cheia de pó. De frente, estava um velho armario com livros. A parede estava coberta de pinturas e esboços. Também se via, no canto, umas fitas amarellas e vermelhas, signaes de mascaradas e, que denunciavam que Peter Burkhart era um assíduo frequentador dos bailes de mascaradas de Munchen. Um guarda vestidos alto, um espelho, uma guitarra sem cordas, alguns revolvers velhos e finalmente, uma figura enorme acabava a esta instalação artistica, que não denunciava riqueza alguma.

Apenas se tinham Holmes e Harry espondido por baixo da cama, ouviram-se-lhe toques de campainha muito fortes.

O pintor saltou da *chaise longue*, deitou o livro para um canto e correu á porta.

Só agora se podia vê-lo bem.

Era de meia estatura, muito elegante e trazia um *robe de chambre* de seda amarella que decerto tinha outr'ora pertencido a um mandarim chinês ou a alguma avó japoneza.

O seu rosto magro, os seus olhos, que brilhavam d'uma maneira subnatural, denunciavam uma vida de deboche.

Os dois, no seu esconderijo, ouviram um zunir de vozes e, depois entrou Vroni, acompanhada do pintor, para a antecâmara.

—Espero te ha muito tempo, querida, disse o artista. Onde estiveste tu então?

O pintor tirou-lhe a capa e o chapéu.

No momento em que Vroni entrou para o atelier mudou completamente. Parecia mais nova e mais bonita ainda.

Sorridente offereceu a bocca ao pintor que a beijou com ardor.

—Oh, Auguste Kellner, o amigo do meu marido, quiz por força saber onde eu ia. Esse homem desa-

gradavel é peor que o proprio Kaspar Risser. Segue-me passo a passo. Não posso já supportar esse homem.

Peter Burkhart não respondeu nada.

—D'aqui a uma hora chegam os meus amigos disse elle apoz uma pequena pausa.

Se queres, vamos ao nosso trabalho.

—Decerto, quero, respondeu ella sorrindo, retirando-se para detraz d'um biombo para se despir.

—Tens uma cigarrilha, Peter?

Peter approximou-se com passos lentos d'uma pequena mesa e, tirando uma cigarrreira de prata, entregou-a a Vroni.

—Obrigada. Espera só mais um momento, estou quasi prompta.

O pintor arranjou o cavalete, que estava n'um canto e trouxe-o para o meio do atelier, de maneira que a luz de cima e do lado caísse em cima do quadro, que estava coberto com um panno. Peter tirou o cobertor e preparou a palheta e o pincel.

A luz do sol caia sobre a linda figura que representava uma Venus n'um jardim maravilhoso, o seu olhar dirigia-se se n'uma expressão sonhadora, para sobre o mar que banhava as margens do jardim.

Peter Buskhart, fixou durante um instante o quadro, a sua obra, e murmurou então.

—Agora ou nunca, Vroni, se d'esta vez isto não fica bem, sou um idiota. Com um modelo, como este, a victoria e quasi certa. Desde Buben a Raffael nunca se pintou um corpo d'esses.

Vroni apresentou-se ao pintor. A luz passeava acaresciadora por esse lindo corpo branco como marmorol, obra d'arte da natureza e que servia a arte como modelo.

O olhar conhecedor de Holmes fixou-se só pouco tempo na tela mas esse momento bastou-lhe para reconhecer que, Peter Burkhart não era um ignorante.

O que alli estava a fazeria de certo, o levar á gloria. Seguiu-se um grande silencio. Vroni tomava a linda posição que a Venus de Burkhart tinha no quadro e assim permaneceu sem fazer um movimento.

Só se via no seu rosto esse sorriso que seduz, que encanta, e que só o amor sabe produzir.

Mas, de quando em quando, tomava essa linda cara uma expressão de cuidado. Isto acontecia sempre quando a tosse interrompia o trabalho de Peter Burkhart. Tinha, então, arrepios e as suas faces pallidas faziam-se rubras.

Depois continuava outra vez com ardor.

De repente parou e mettuu os pinceis dentro d'um pote de agua-raz.

—E' preciso acabarmos agora, Vroni. Os meus amigos devem chegar d'aqui a um instante. Mas tu ficas não é verdade?

—Decerto, disse ella enlaçando lhe os braços em volta do pescoço. Onde poderia eu estar melhor do que aqui? estou tão feliz ao pé de ti...

Collocou-se deante do quadro e olhou durante muito

tempo para essa imagem, enquanto assuas feições se fizeram vermelhas.

—Oh que bonital! Como eu ficarei orgulhosa de ti, quando fores um dia um homem celebre; mas...

Ella interrompeu-se triste e voltou para detraz do biombo para se vestir. Peter Burkhart deitou-se em cima do *chaise longue* e fixou os olhos no chão.

—Sei o que queres dizer, Vroni. Oh! meu Deus, esta vida, na verdade, é muito miseravel; é horrivel.

«Sou um homem sem dinheiro! Um nada, um doído, um pelintra.

«O dinheiro dá tudo, accrescentou. O dinheiro traz luxo, prazeres belleza e amor. Tudo gira em volta do dinheiro. Tudo se mira no dinheiro. Ah! se eu tivesse dinheiro, tanto dinheiro que pudesse pegar n'elle ás mãos cheias, isso é que seria então viver, Vroni.

Andarias em equipagens douradas, Vroni, com dois lacaios atraz para leres as tuas ordens, nos teuslabios. Comprava um castello, um castello á beira-mar e viveria sem esta lama, sem tudo isso, que se liga a este bocado de vida: dividas, credores, vergonhas, coisas desagradaveis; oh! meu Deus e sem essas horri-veis censuras a que eu me forço por tua causa e por causa de Kaspar Risser.

Vroni tinha acabado de se vestir e correu para junto do seu amado, dizendo:

—Deixa em paz Kaspar Risser, querido, Para quê essas censuras? O que aconteceu, aconteceu...

Peter Burkhart escondeu a cara entre as mãos.

—Não foi tão pouco o que eu fiz, e o resta agora? Os 8000 marcos, que me trouxe a sua morte, chegarão apenas para pagar as dividas mais urgentes. E agora?

—Já não tenho nada, suspirou Vroni.

Peter tomou-a então, nos braços e disse:

—Mas tenho-te a ti, Vroni e isso deve-me compensar de todo o resto.

—Sim, se não fosse o nosso amor! Mas podes tu só com elle chegar ao teu fim?

Vroni levantou-se n'um pulo e disse:

Mas é preciso encontrar uma outra saída. Não quero que soffras. Quero que chegues á gloria. Talvez ainda houvesse um outro meio, para arranjar-te dinheiro.

«Vou...

Um toque agudo interrompeu-a. Vroni saiu precipitadamente. Umaz voz interrompidas pelo riso vieram até ao atelier. Os reposteiros furam puxados para o lado com força e, dentro do *atelier* entraram cinco artistas.

Cada um trazia pelo braço uma linda rapariga. Todas se riam, briçavam, fallavam e gritavam, tanto que se podia julgar que havia chegado um ajuntamento de povo enorme. Depois dos primeiros cumprimentos foi cada á um procura d'uma cadeira. Como só havia duas, assentou-se um d'elles em cima de um caixote, outro em cima d'um vaso de flores voltado, o terceiro em cima da cama do pintor por baixo da qual estava Sherlock Holmes e o seu companheiro,

emquanto as raparigas, que não encontraram logar, se assentavam no collo dos seus namorados.

—Vou depressa fazer chá, disse rindo Vroni e accendeu a lampada de alcool onde, em pouco tempo, ferveu a agua. Peter Burkhart offereceu cigarros em roda.

A conversa limitava-se a duas coisas: Arte e amor.

Apenas estes dois pontos pareciam interessar esse bando alegre.

O fumo do tabaco levantou-se e formou, pouco a pouco, umas densas nuvens que envolviam as Venus, os esboços e as outras ornamentações phantasticas do *atelier*.

O crepusculo veiu. A neve, que cobria lá fóra os telhados reflectia a luz da lua que brilhava no céu sereno e limpido. Um dos pintores tirou debaixo do *chaise-longue* uma guitarra e começou a cantar uma aria triste e melancholica.

Peter tinha-se assentado ao velho e desafinado piano e pelo *atelier* repercutiam os sons d'uma valsa mysteriosa. Os pares levantaram-se e, como uma poesia da juventude, redopiavam beijando-se e rindo.

—Parece-me que me enganei disse Sherlock Holmes vagarinho a Harry. Não podia ser ouvido, porque o barulho no *atelier* era muito grande.

—O que esperava mais? perguntou Harry. Agora já sabemos quem matou o desgraçado Kaspar Risser.

—Julguei ainda não ha uma hora, que não sabias nada sobre isso.

—Mas agora já sei, e tenho mesmo a certeza, mestre.

«Parece-me que tenho ouvidos para ouvir, e os meus cinco sentidos para comprehender o que oíço. Se não foi esse Peter Burkhart, com a cumplicidade de Vroni, que matou o guarda livros da casa commercial, deixe-me enforcar na primeira lanterna que encontrarmos,

Sherlock Holmes queria responder mas um toque da campainha impediu-o de o fazer.

No mesmo instante, parou a musica e os pares largaram-se.

—Mas quem será a estas horas perguntou um dos pintores.

Peter Burkhart encolheu os hombros.

Espera, eu vou abrir disse um dos seus amigos, e saiu.

Ouviu-se uma voz sonora e em seguida o artista voltou.

—Meus amigos, chegou o grande dia! Vamos já mandar dizer uma missa.

«Lá fora está um sujeito que quer confiar um quadro a Peter Buhrkart.

—Manda-o entrar, respondeu Peter Burkhart.

E desapareçam todos.

—Esperem, assentem-se todos nos seus logares. Espero que elle não se incomodará com a presença dos meus amigos. Rapazes, seria uma felicidade se

este homem comprasse um dos meus quadros. Offereça-me hoje cinco garrafas de *champagne*.

—Ainda tenho de esperar muito tempo? ouviu-se dizer uma voz grossa.

Peter correu para a porta.

Desculpe senhor, de o ter feito esperar um momento. Tinha justamente uma pequena companhia. Compreende.

—Peço-lhe que não se incomode com a minha presença.

Harry tinha posto a cabeça fora, mas recuou immediatamente, quando Holmes a puxou pela orelha.

—Queres arriscar a nossa pelle? disse baixinho o policia.

Mas Harry estava fora de si.

—Sabe quem é? murmurava elle. Mas que acaso! Mas isto é incrível! E' o homem de barba russa á Henrique IV.

—Est, disse outra vez Holmes. Já o esperava.

O sujeito vestido com elegancia entrou com passos firmes dentro do *atelier*.

—Estou de passagem, senhor Burkhart, disse elle depois de ter cumprimentado, com um signal de cabeça, os amigos e amigas do artista. Como tencio completar a minha galeria de pinturas com uma obra d'arte d'um pintor de Munchen, informou-me gente conhecedora d'essa arte, da existencia d'um homem que ainda não é conhecido, mas que podia por-se na primeira fila dos artistas.

«Quero ainda que a quantia de que disponho para isso, seja paga a um homem que precise verdadeiramente de dinheiro.

Peter Burkhart inclinou-se,

—O senhor prova com isso que está ao facto das nossas misérias.

«Seria feliz se um dos meus quadros lhe pudesse agradar.

—Espero isso, respondeu o comprador enquanto deixava divagar os olhos d'um quadro para o outro.

—Vou accender depressa um candeeiro, disse o artista.

Mas o visitante poz-lhe a mão no braço dizendo:

—Não, não vale a pena.

«E' justamente com esta luz, que está accesa, que se obtem a verdadeira comprehensão das suas obras. Foi assim mesmo que me imaginei n'um *atelier* d'um pintor de Munchen. A luz forte do candeeiro destruiria a harmonia. Que quadro é este aqui?

Elle mostrou o cavalete, sobre o qual Peter Burkhart tinha deitado um panno antes da chegada dos seus amigos.

O artista hesitou.

—E' um quadro que quero mandar para a exposição do palacio de crystal. Não é para vender, pelo me nos, por enquanto.

—O que diz? Agora é que ainda me despertou mais o interesse.

—Na verdade, estou curioso, por saber o que representa este quadro.

—Oh, o senhor ficaria desenganado, respondeu Peter Burkhart evasivo, enquanto a tosse, uma horrivel tosse, lhe sacudiu o corpo inteiro.

—Mostre-me este quadro, senhor Burkhart.

—Só está meio acabado,

—Não faz mal, respondeu o outro, e puxou sem que o artista o pudesse evitar, pelo panno que cobria o quadro. A luz da lua caia sobre o corpo, fazendo o parecer ainda mais encantador do que de dia.

O homem com a barba russa recuou uns passos.

Sherlock Holmes podia-o muito bem observar do seu esconderijo. Durante uns instantes, houve um grande silencio. Parecia que o estranho estava completamente absorvido na admiração d'essa obra d'arte.

De repente voltou a cara.

—Vergonhoso, vergonhoso! disse elle furioso entre os dentes.

Peter Burkhart julgou ter ouvido mal e disse.

—O que diz o senhor?

—Digo, respondeu o estranho com voz cheia de odio, que este quadro é vergonhoso. Dizendo estas palavras, correu para o quadro e, com um golpe de faca vibrado na tela, destruiu a obra prima d'um grande artista, ao mesmo tempo que apontava um revolver ao pintor.

Ouviu-se um grito inarticulado da boca de Peter Burkhart, que encontrou echo nas vozes dos seus amigos. Os cinco homens caíram ao mesmo tempo em cima do estranho, mas todos pararam horrorizados quando viram deante de si o cano d'um revolver.

—Toma, aqui tens a tua conta, gritou o estranho apontando para Peter Burkhart o revolver. Mas, n'este mesmo instante appareceu um homem no campo de batalha, que, de certo, o americano não esperava. Um braço empurrou a mão para cima que segurava o revolver, de maneira que a bala foi-se cravar no tecto.

Sherlock Holmes estava deante do criminoso.

Este não pensava em resistencia. Rapidamente, como um raio, voltou-se, empurrou Harry com tanta força que este caiu, e saltou para o quarto contiguo. Sherlock Holmes correu a traz d'elle, mas tropeçou nas pregas do tapete e caiu. Tres balas passaram por cima da sua cabeça com a maior velocidade que se póde imaginar. O criminoso tinha, entretanto, chegado ás escadas. Holmes voou atraz d'elle, mas, depois de ter chegado á rua, o estranho tinha desaparecido na escuridão da noite.

Sombrio, Holmes voltou para o *atelier*, onde reinava um verdadeiro panico. Yroni tinha-se escondido de traz da *chaise longue*, para não ser vista por Sherlock Holmes. Harry não tinha deixado ninguem sair do quarto.

—Fugiu, disse Holmes furioso, voltando para o *atelier*.

—Quer que prenda Peter Burkhart? perguntou Harry

Sherlock Holmes sacudiu silenciosamente a cabeça.

Uma sombra de tristeza via-se na cara do policia.

—Deixa-o. O castigo do que fez já o attingiu. Meus senhores, desculpem a perturbação que aqui occasionei. Parece-me que, salvando a vida d'um homem, mereço perdão.

Antes que as artistas surprehendidas tivessem tempo de responder alguma coisa, já tinham Holmes e o seu companheiro deixado o atelier. Tambem os outros seguiram o seu exemplo.

Soluçando estava Petre Burkhart estendido no chão deante das ruínas da sua felicidade.

CAPÍTULO VI

Uma catastrophe

na casa commercial

Vem, Harry, e segue-me, disse Sherlock Holmes no dia seguinte de manhã quando, de relógio na mão, estava deante da cama do seu ajudante. Harry levantou-se immediatamente e, dez minutos depois appareceu prompto e vestido deante do seu mestre. Harry viu, então, pela cama intacta e pelas feições cansadas do policia, que este passara a noite fóra de casa.

—Vamos para a rua dos Turkos 38, disse Sherlock Holmes depois de ter almoçado em companhia de Harry.

—D'esta maneira chegaremos a conhecer, em pouco tempo, quasi todas as casas de Munchen disse rindo Harry, depois de estar instalado no trem.

Sherlock Holmes tinha ordenado ao cocheiro que parasse, nas ruas dos Turkos.

—Tens razão respondeu Holmes, olhando pelos vidros das janellas, a rua. Mas d'esta vez temos um caso muito embrulhado cuja solução foi bastante facil mas cujo desenvolvimento muito difficil, porque se cruzam muitas acções. Mas agora estamos quasi no fim. O dia de hoje hade decidir tudo.

Lá fóra caia a neve, envolvendo a cidade com um manto branco. Ao lado dos passeios, viam-se grandes montões de neve, e numerosos homens estavam occupados em tirar a para facilitar o caminho aos passageiros. O trem parou. O policia e Harry saíram do trem e foram pela rua dos Turkos abaixo até chegar deante d'uma casa bastante velha, onde pararam.

Holmes entrou sem cerimonia. Subiu dois andares sem se importar com as pessoas que passavam junto d'elle, e abriu a porta da direita com a sua cazuva.

—Meu Deus, murmurou Harry, se a dama nos surprende aqui. Não quer pelo menos, que eu passe adeante com o revolver na mão? Não era agradável apanhar um tiro d'um canto qualquer.

—Tambem a mim não me agradava nada, respondeu Holmes rindo. Mas podes tranquilisar-te sobre isso.

«O dono d'esta casa está ausente e não pensa em voltar a casa antes de anoitecer.

Sherlock Holmes abriu tres portas de quartos, e Harry viu, com admiração, que os quartos não tinham quasi mobilia nenhuma. Pareciam-se mais com uma loja de trastes velhos, vendo-se muitas coisas estranhas como, nas paredes pendurados, arcos de ferro, aos quaes estavam presos objectos de formas estranhas. Harry possuia bastantes conhecimentos, para reconhecer o arsenal inteiro de ferramentas para arrombar. No chão estavam casacos, cofresinhos, cabelleiras falsas, n'uma palavra, todos os objectos imaginaveis, que pertencem ao officio d'um ladrão.

Enquanto Harry mirava tudo com espanto, examinava Holmes minuciosamente todos os quartos.

De repente curvou-se Harry e apanhou um punhal do chão; esse punhal estava cheio de sangue secco.

—Veja, sr. Holmes! Essa arma parece-se com uma faca de matto. Não seria possivel que o americano tivesse sido assassinado com ella? Esse facto já está quasi esquecido.

Sherlock Holmes deitou um olhar fugitivo para o quarto onde estava Harry.

—Mas quem te disse a ti que este assassínio caiu no esquecimento? Estamos justamente a trabalhar para entregar o assassino Wilson á justiça. O crime foi feito com essa faca.

—Tem a certeza d'isso, sr. Holmes?

—Completamente. Fazes mal em olhares sempre para a lamina em logar de olhares para o cabo. O signal do dedo pollegar ali no cabo é, para nós, quasi uma prova que vale uma confissão. Com isso apanhamos duas moscas d'uma vez.

—Quer dizer com isso sr. Holmes, que o assassínio do americano foi quem matou Kaspar Risser e Adamer Lenz?

—Então tu duvidaste alguma vez?

O mancebo encolheu os hombros.

—A fallar a verdade, nunca me veio essa ideia á cabeça. Em todo o caso, nunca pude comprehender como se encontrou a carteira de Risser na algibeira do americano.

«O mais extranho de tudo é, que não se tenha roubado dinheiro ao morto.

Sherlock Holmes não se mostrou disposto a dar mais explicações. Aproximou-se d'um cofre, que estava no meio do terceiro quarto, e começou a forçá-lo mas, só depois de meia hora de trabalho, é que lhe foi possivel abrir a porta de ferro do cofre.

Harry e Holmes olharam ao mesmo tempo, para dentro do cofre, onde se via pouco mais ou menos a somma de 6,000 marcos em notas do Banco.

Sherlock Holmes verificou uma a uma todas as notas.

—A conta está certa, murmurou elle. Gastou 1,800 marcos, 8,000 marcos metteu dentro da carteira e 6,000 marcos estão aqui.

Depois indicou, com o dedo, uma nota que estava cheia de sangue.

—Vê Harry, o homem que escondeu aqui este dicheiro é um dos mais perversos criminosos que tenho encontrado na minha vida. A sua astucia é sem limites. A sua arte e a sua perspicacia põem na sombra os mais afamados de Whitechapel. E, comtudo, commetteu esse homem uma grande imprudencia. Deixou em toda a parte o seu cartão sendo assim facil apanhalo.

O policia tiron, depois, uma cabelleira preta artisticamente trabalhada, do cofre, que ainda estava humida por dentro, da substancia, com a qual fôra pedada á cabeça.

—Eis uma parte do homem que nós procuramos, disse rindo Holmes.

—Mas o mais extranho n'elle era a sua barba russa, retorquiu Harry.

Sherlok Holmes indicou a velha secretaria que estava a um canto do quarto e, sobre a qual, caia a luz que se coava pela janella. Ali estava um pequeno espelho, colla e uma pequena caixa.

—O criminoso não foi tão parvo como julgas, Harry. Decerto o tinhamos descoberto logo se o homem tivesse posto simplesmente a barba russa como se costuma vulgarmente fazer. Não. O homem trabalhou com todos os cuidados d'um bom actor. Decerto que passou cá muitas horas para arranjar uma barba artistica, e, na verdade, chegou á perfeição de se tornar desconhecivel.

—Mas o que é isto?

Sherlok Holmes tinha apanhado do chão uns papéis que indicavam terem servido para embrulhar. Cada papel tinha escripto com lettra enorme: cautella!

Sherlok Holmes poz um pouco d'esse pó em cima do dedo e examinou-o muito tempo com o seu microscopio.

—Dynamite, disse elle rapidamente. Depois abriu as gavetas da secretaria. A primeira coisa que encontrou foram tres retratos de Vroni, a mulher de Kaspar Rissler. Depois viu uma planta muito mal feita na qual se lia: escriptorio. Varias entradas estavam marcadas e ao lado via-se um grande espaço, onde estava escripto: salas de venda.

—Eu conheço essa lettra, disse Harry! Mas não me lembra onde a vi já.

—No bilhete de aviso, no hotel das Estações, de Munchen, respondeu o policia e tirou da gaveta um papel com carimbos diferentes. Harry olhou por acaso para Sherlock Holmes e viu que este empallideceu de repente.

—O que tem, mestre? Não se sente bem?

—Estou bem! Mas estou a adivinhar um plano diabolico, e tão horrivel, que só a ideia me faz tremer. O que eu encontrei aqui é um bilhete de primeira classe para o vapor Allemanha com destino á America.

Investigando ainda o que estava pelo chão, encontrou uma outra folha de papel com a lettra do criminoso.

Harry, espreitando por cima dos hombros do policia leu o seguinte:

«Querida Vroni!

«Sei agora tudo; conheço a tua vergonha, o teu crime. Enganei-me a teu respeito. Também te enganaste sobre quem eu sou. Dou-te tempo até hoje á tarde. A's oito parte o rapido para Hamburgo. Se estiveres prompta para me seguir farei de ti minha mulher. Se preferes continuar a amar esse miseravel, chegarás a arrependerte amargamente. Medonhamente! Comprehendes? Se em todo o caso...

Aqui interrompeu-se a carta.

—Se em todo o caso ainda estás prompta a arrependér-te d'alguma coisa, completou Sherlock Holmes com um sorriso amargo a phrase.

—Vês, querido Harry, esta carta foi um novo e maior disparate de que esse homem foi capaz. Mas provavelmente, no ultimo momento reflectiu e não mandou a carta. Mas agora temo-o completamente nas nossas mãos. De nós depende agora descobrir o mais horrivel crime de Munchen.

Depois dirigiu-se para a porta.

—Para onde vae, sr. Holmes?

—Para a casa commercial de O. Mas antes d'isso, é preciso mudar de fato.

Meia hora depois estava Holmes com Harry em casa.

Huando tornaram a sair do hotel, ninguem teria reconhecido no simples moço de fretes e no *libby* Sherlock Holmes e o seu ajudante.

Na casa commercial O, reinava n'essa tarde uma grande animação. Os ascensores andavam sem interrupção para baixo e para cima. As ondas humanas, empurrando-se umas ás outras, subiam pela larga escada, e perdiam-se nos vastos andares.

A maior parte das pessoas rodeavam no rez do chão, uma pyramide, que estava construida de roupa branca.

Criados e chefes de repartição corriam de um lado para o outro, e o ruido proprio d'uma grande população enchia a casa.

No momento em que Sherlock Holmes entrou com Harry, havia uma grande agitação que a maior parte das pessoas não sabiam a que attribuir isso.

No meio d'aquella confusão ouviu-se de repente estas palavras:

—Policia! Vão buscar a policia!

—Uma ladral chegou aos ouvidos de Holmes, que fazia todos os esforços para abrir caminho.

—Por amor de Deus, gritou a joven senhora, que não era senão a Vroni, viuva de Kaspar Rissler, deixe-me, largue-me. Oh, senhor Kellner, porque me faz isto?

—Não me chame pelo meu nome, disse o guarda livros severamente. Na verdade, nunca julguei, senhora Rissler, que tivesse caído tão baixo.

Vroni fazia esforços sobrehumanos para se escapar do pulso de ferro de Kellner; mas esforço inutil. Li-

vida, olhava para todos os lados. Os seus olhos erravam desesperadamente d'um individuo para outro.

Com a mão direita, segurava a mantilha, que lhe tapava o busto, de modo que ninguém lh'a tirasse.

—Oh! meu Deus, não é verdade! Eu não tenho nada, mas nada. Tudo isso é um erro.

—Isso logo se vê no escriptorio, respondeu o guarda-livros com um riso zombador, indicando com um olhar a mantilha.

A multidão ria.

—Se a senhora não tivesse roubado nada, perderia o meu lugar. Pode muito bem comprehender, que não acuso levemente alguém d'um roubo.

«Sei muito bem o que digo. A senhora, ha muito tempo, rouba systematicamente esta casa.

«Tres annos de prisão são-lhe assegurados, senhora Risser.

A joven senhora soltou um grito de dor.

N'este mesmo momento, viu-se um moço de fretes empurrando todos até ao guarda-livros e chegou junto de Vroni.

—Negue tudo, disse baixinho Holmes ao ouvido da desgraçada. Ella sentiu então um grande empurrão no seu lado esquerdo! a sua mão, que agarrava a mantilha, caiu para baixo e um segundo mais tarde tinha desaparecido o moço. Sem piedade, foi levada a ladra aos encontros até ao escriptorio. Atraz d'ella fechou-se a porta á chave deante da multidão curiosa.

Sherlock e Harry já tinham corrido tambem para o escriptorio particular do chefe, mas por uma outra escada sobre a qual Holmes já se tinha orientado antes. Harry observava toda a scena e viu, com grande espanto, que Sherlock Holmes trazia um pacote de rendas debaixo do braço, que fez depois desaparecer por baixo do casaco.

—Que fez, sr. Holmes? Tirou as rendas á mulher para que não seja castigada? O senhor salvou uma ladra? Harry caia de surpresa em surpresa. Já não sei o que pensar, senhor Holmes.

O moço de fretes riu-se.

Na verdade, Harry julgas que a minha vocação é apenas de castigar as pessoas? Não Harry, isso chamava-se não comprehender o mau dever. Aquella mulher terá o seu castigo do que fez no seu proprio lar. Se lá em cima a desmascarassem como ladra, seria mandada para a prisão, e seria para sempre uma mulher perdida. O desespero seria a sua sorte, e, finalmente, far-se-hia uma verdadeira criminosa, uma criminosa pela acção, ao passo que d'esta vez só se fez ladra por amor.

Harry abriu a bocca sem comprehender.

—Por amor, sr. Holmes? O senhor está hoje disposto a fallar por enygmas.

—E, comtudo, é a pura verdade o que eu disse. Mas estamos na ante-camara, por onde se chega ao escriptorio. Estou admirado de não ver cá ninguém. Parece que o guarda-livros mandou todos embora porque elle eram demais. Não indica coisa boa.

A ante-camara que dava para o escriptorio tinha

umas janellas enormes, pelas quaes se via o interior d'esse aposento. Não era possivel entrar para o quarto, sem ser visto.

—E' preciso permanecermos alguns momentos aqui dentro, disse Sherlock Holmes; olhando em volta de si. Como por detraz não havia salas de venda, estavam só poucas pessoas presentes, e essas não davam attenção ao moço de fretes e ao *liftboy*. Sherlock Holmes deitou-se no chão. Harry seguiu o seu exemplo. Assim se arrastaram até á porta, que dava para o escriptorio. Como as vidraças não chegavam até ao chão era impossivel vel-os do lado de fora.

Harry ouviu a voz forte e enfurecida de Augusto Kellner.

«Não lhe serve de nada Vroni, ter deitado o pacote fora.

«Não comprehendo, na verdade, como lhe foi possivel fazer isso.

—Não dei-te nada fora, não roubei nada.

Seguiu-se novamente uma pequena psusa. Ouviu-se um riso rapido.

—Na verdade, senhora Risser? Quer que mandem investigar a sua casa? Julga, então, que Augusto Kellner está cego? Não, minha querida, a hora de contas chegou. A senhora já vendeu uma parte.

«Tambem sei o motivo porque fez isso. A senhora sustenta o seu amante, o tal pintor ao qual se entregou, e a mim respondeu-me sempre com desprezo e troçou quando lhe implorava que accettasse o meu amor. Para mim só tinha um riso de piedade. Oh, a vingança é doce!

Ouviu-se uma queda surda.

Vroni tinha-se deitado aos pés do guarda-livros.

—Piedade, piedade!

—Levante-se. D'aqui a cinco minutos vem o chefe e temos que estar promptos. Confessa então que eu disse a verdade?

—Sim, mas tenha piedade de mim. Amo Peter Burkhart ha muitos annos. Elle era antigamente muito rico, mas perdeu toda a sua fortuna.

«E' verdade que lhe dei mais, que as minhas posses permitiam, porque meu marido se deixou arrastar ao desfalque. O maior crime que commetti foi ter enganado Kaspar Risser. Eu tive culpa da sua desgraça; tive culpa que elle fosse victima d'um crime infame... mas evite-me esse castigo, senhor Kellner. Faça de mim o que quizer; só isso não! Não me mande prender e mo ladra.

Outra vez houve uma pausa.

—Estou prompto a deixal-a.

—Ah! sim!

—Com uma condição.

—Farei tudo o que quizer.

—Esta noite parte o rapido para Hamburgo. Se me dá a sua palavra de honra que vai á estação e que me seguirá para sempre, não á denunciarei.

Vroni tinha esperado tudo menos isso. Calou-se durante muito tempo. Depois ouviu-se um grande suspiro. Quasi sem voz disse:

— Bem, farei o que desejar.
— Isso ainda não é tudo, disse o guarda lúvros, baixando a voz tanto que Sherlock Holmes teve de reter a respiração para não perder uma palavra.

— Não se esqueça, Vroni, que ninguém nos ouve. Negarei tudo, se me vas denunciar. Uma brilhante existência á espera, se me obedecer. Aqui tem quatro pacotes. Direi que me enganei, que a senhora não é uma ladra. Saia do estabelecimento e ponha esses pacotes em quatro cantos. Dois no pateo e dois na escada do corredor, onde se encontram as portas da saída. Depois afaste-se de pressa e não se importe com coisa alguma do que se passar; eu tomo toda a responsabilidade.

— A joven senhora, que, deserto não desconfiava para que crime Augusto Kellner a queria utilizar disse simplesmente:

— Também farei isso. Posso-me ir embora agora?

— Sim, Vroni. Mas lembre-se do que prometteu. Se não, a minha vingança será terrível!

Do lado opposto, abriu-se uma porta. Harry que, quasi não tinha coragem de respirar, deu um suspiro de alívio.

— Senhor Holmes, nunca espere isto.

Sherlock Holmes e Harry recuaram, levantaram-se n'um pulo e correram em volta do escriptorio. Mas, antes que lhes fosse possível encontrar Vroni, surgiu de repente um homem muito alto que lhes impediu a passagem.

— Ah, d'esta vez não me escapam, ladrões.

Holmes e o seu companheiro viram deante de si o lenheiro furioso com os punhos levantados, prompto a bater.

Sherlock Holmes não queria chamar a attenção sobre elle e Harry. Tudo dependia agora do seu sangue frio: Sabia muito bem, que os pacotes, que Vroni punha, n'esse momento, nos quatro cantos da casa eram bombas de dynamite que explodiriam depois d'um certo tempo.

Talvez que, n'este momento, Augusto Kellner já se preparasse para fugir.

— Larga-nos, homem, não temos tempo para paléstras inúteis.

— Sim, sim bem sei, disse mofando o lenheiro. Queira-me dizer agora o que está á fazer aqui vestido de moço de frietes?

— Não tem nada com isso, deixe-nos passar.

Sherlock Holmes viu que estavam sendo observados por uns sujeitos simplesmente vestidos.

O lenheiro agarrou Holmes dizendo:

— Ficas aqui, te digo eu, vamos a vêr o que estas a fazer! Foste tu que mataste Adamer Lenz, tu, e mais ninguém. O que foste fazer a Gamisch? Agora encontro-te aqui disfarçado. Queres roubar dinheiro, ladrão infame, ladrão, assassino.

Gritava de tal maneira que, de todos os lados, se via correr gente curiosa para saber o que se passava aqui.

Sherlock Holmes, que sabia em que perigo estava

a casa commercial, agarrou o lenheiro, levantou-o ao ar e deitou-o depois ao chão com tanta força, que se ouviram estalar as costellas do aideão. Mas já era tarde de mais. Os sujeitos, policiaes vestidos á paisana, que estavam a velar a casa commercial, aproximaram-se rapidamente.

Sherlock Holmes tirou da algibeira o seu bilhete de identidade.

— Sou Sherlock Holmes. Preadam-me este homem que me quer impedir que eu faça a minha obrigação.

Os empregados que, ainda há pouco, queriam deitar-se sobre Holmes, cumprimentaram-n'o respeitosa e agarraram o lenheiro, que se tinha levantado.

— Esteja descansado, senhor Holmes, disse o chefe dos policiaes; ha dois dias que perseguimos este patife passo a passo. Desconhamos que fosse elle o assassino dos dois homens no Valle do Inferno.

O lenheiro defendia-se com as mãos e os pés, não queria ser preso, chegou mesmo a injuriar os policiaes, mas de nada lhe valeu; foi levado á força.

— Pelo menos, é o quinto que é preso como assassino do Valle do Inferno, disse Holmes a Harry affastando-se rapidamente.

A casa de commercio estava cheia de gente.

— Não lhe cheira a nada, mestre? perguntou Harry de repente.

Os dois tinham chegado á primeira escada e viram na verdade um pequeno pacote; ao qual nenhum dava attenção; Sherlock Holmes apANHOU-o e deitou-o de baixo do primeiro cano de agua. Depois continuou a correr.

— Cheira a fogo, respondeu Holmes suffocado.

— Mas de onde virá esse cheiro? perguntou Harry.

— Ninguém se mecha. Paroço que o cheiro vem do muito perto.

Os dois homens correram escadas á baixo, escadas á cima, da casa para o pateo e voltaram outra vez para casa. Foram tão felizes por terem encontrado os quatro pacotes que Sherlock Holmes parou um instante dando um suspiro de alívio.

— O maior perigo passou, Harry. Espero que ainda cheguemos a tempo para evitar um outro crime.

De repente notou-se uma grande exaltação entre as pessoas que estavam no armazem. Na casa de jantar, deitavam-se ao chão mezas e cadeiras, os caixeiros abandonavam os logares, viam-se caras aterradas, ouviam-se palavras confusas, e, no meio d'esta horrivel confusão, ouviu-se de repente essa palavra: Fogol!

Na verdade, via-se, no meio da grande sala, uma nuvem de fumo preto levantar-se. Ninguém sabia d'onde vinha. Só se via que esse fumo preto se espalhava rapidamente na sala inteira. Houve um panico horrivel. Tudo corria. As pessoas aterrorizadas procuravam portas, onde não as havia, e não viam as saídas de socorro. Tudo se empurrava contra as paredes. As crianças eram deitadas no chão. As mulheres gritavam, os homens lutavam uns contra os outros. Os porteiros e as criadas tinham aberto todas as portas e, apesar do panico, começaram as pessoas a sair

todas para a rua. Os sinais electricos começaram a soar. Era um barulho medonho, enquanto o fogo se estendia com grande rapidez. Sherlock Holmes abriu um caminho á força, através d'esse mar humano. Elle, que, de costume, era attentioso para toda a gente, empurrava, sem piedade, todas as pessoas que se punham no seu caminho. Harry teve de fazer esforços horríveis para o poder seguir. Holmes encaminhava-se justamente para o sitio, onde tinha começado o fogo.

Sem fazer caso do fogo e do fumo, Holmes avançou sempre até chegar ao escriptorio que deixára ha pouco.

N'este momento ouviu-se um grito de soccorro afflictivo. O que quer dizer isto? perguntou Harry dando um encontrão á porta.

Esta estava fechada á chave.

O grito repetiu-se, mas d'esta vez era um grito suffocado. Sherlock Holmes e Harry lançaram-se com toda a força á porta. Esta cedeu e os dois homens foram cair no meio do escriptorio. Ali estava tudo n'uma grande desordem. O cofre estava forçado e a porta completamente escangalhada.

Os dois homens viram então um individuo deante do cofre, remecendo convulsivamente tudo o que estava dentro. O seu rosto atterrado voltou-se para os recém-chegados. Era Augusto Kellner.

Mas a pessoa que tinha gritado por soccorro não se aviztava em parte alguma do quarto. Augusto Kellner queria fugir, mas Harry deitou-se em cima d'elle.

N'um pulo, Holmes saltou por cima da secretária para o outro lado. Por detraz, estava estendido no chão o chefe da casa. Ficára atordoado com uma pancada, mas o assassino não teve tempo para o acabar de matar.

Sherlock Holmes levantou-se do chão e olhou para Augusto Kellner. Com a furia d'uma fera tinha-se deitado sobre Harry. Este não podendo resistir ao choque d'aquelle homem pezado, caiu. Augusto Kellner tinha tirado da algibeira uma faca, prompto a dar o golpe á sua victima. Mas antes que a faca attingesse o peito de Harry, Holmes chegava junto dos dois combatentes. O seu braço direito evitou o golpe. Agarrando o assassino, arremessou-o á parede; mas os braços musculosos do criminoso enlaçaram-se em volta de Holmes, comprimindo o contra si. O ar faltava a Holmes e, conseguindo livrar uma das mãos, deu uma forte pancada com o punho fechado na cara do criminoso. Este cambaleou, mas depois, deitou-se de novo, com toda a força ao seu adversario. De repente encheu-se o escriptorio de chamas de fumo.

Lá fóra ouvia-se um barulho horrível. apitos, relinchar de cavallos, etc. Os bombeiros de Munchen inteira tinham chegado. As escadas de mão levantaram-se nas janellas. As bombas a vapor trabalhavam.

O fumo, que entrava para o escriptorio, tirava aos dois homens que luctavam pela vida, a respiração.

Holmes tinha chegado a dar um golpe no seu adversario que o lançou ao chão. O policia deitou-se então, em cima d'elle, e poz-lhe antes que elle recuperasse os sentidos as algemas americanas. Harry agarrou o assassino e empurrou-o para fóra do escriptorio e escada abaixo.

Sherlock Holmes levantou nos seus braços o director, que estava sem sentidos, para fóra do escriptorio incendiado.

A casa commercial estava vazia.

Ninguém tinha morrido. Nas escadas encontravam-se Sherlock Holmes e Harry bem como os bombeiros que corriam por todos os lados, com os tubos nas mãos.

Cinco minutos mais tarde, entrava o chefe da casa commercial para a casa de saude enquanto Augusto Kellner foi levado no carro para a esquadra.

A multidão, que se tinha agglomerado, fez uma grande ovação a Sherlock Holmes.

Elle evitara, não só que se tivesse perdido a casa de commercio mas ainda uma grande parte do prédio annexo.

Ainda ninguém suspeitava da extensão que teria tomado a catastrophe se não fôsse a intervenção de Holmes que tinha adivinhado o diabolico plano do guarda livros.

Os bombeiros incansaveis, extinguiram em pouco tempo, o incendio. Só o policia e os intimos souberam que, sem Sherlock Holmes, todo o bairro, teria saltado pelo ar...

Holmes recusou qualquer gratificação. A grande quantia que o chefe da casa commercial poz á sua disposição, em signal de gratidão, entregou Holmes aos pobres quasi tudo. Apenas ficou com uma pequena parte. Mandou uns dez mil marcos a Vroni Rissler, a viuva do guarda livros assassinado. Ao mesmo tempo escreveu-lhe as seguintes palavras:

«Envio-lhe isso, para evitar que o amor e a miséria a obriguem outra vez a ser criminosa.

Sherlock Holmes.

Mas, já na mesma noite, o dinheiro foi-lhe devolvido com as seguintes linhas:

«Ha actos, senhor Holmes, que não se podem agradecer com palavras. O senhor não é só o homem mais sabio, é tambem o mais justo. Apesar d'isso, mandou-lhe outra vez o dinheiro, porque o homem, para quem o teria accettato, com reconhecimento, morreu esta noite d'uma hemorrhagia.

Vroni.

Sherlock Holmes avisou a policia e mandou procurar a desgraçada. Mas já tinha posto termo á vida.

—Foi uma das nossas aventuras mais estranhas, não é verdade? disse Holmes para Harry. Estava assentada á janella do quarto, fumando no seu cachimbo de madeira e olhando para a rua, onde a luz dos

carros electricos, saltitava d'um lado para outro com olhos enormes,

—Sim, mestre, o caminho, que seguiu no seu crime, Auguste Kellner tambem era nm dos mais tortuosos. Eu, ao menos tinha caido n'um engano.

—Compreendi isso, retorquiu o policia. A ultima catastrophe era de prever, depois de ter encontrado o bilhete para a America, Augusto Kellner queria pôr o epilogo ao seu crime, roubando ainda uma forte quantia, e, depois, desaparecia, para sempre, na America.

«Quando me fixei em Camisch e soube a maneira como os dois homens perderam a vida, não ficou para mim duvida alguma de que se tratava d'um assassinato. Os dez mil marcos que Kaspar Risser trazia consigo, julhando-os assim em maior segurança foram roubados. Suspeitei só de Augusto Kellner depois de o ter conhecido. Advinhei logo que elle gostava da Vroni. E depois, deu-se ainda o caso de que obteve, depois da morte de Kaspar Risser, o lugar de primeiro guarda livros da casa O. Depois de ter uma desconfiança assente, não me foi difficil seguir os vestigios.

—Mas diga-me como lhe veio a idea de ir para o «Hofbrannhaus» e de se assentar no «serviço N.º 3», senhor Holmes?

—Foi a coisa mais simples d'este mundo. Talvez te lembres ainda de que encontrei ao pé do morto um bilhete.

«A palavra que tinha impressa referia se a e «Hafbrannhaus», que está situado na praça, em Munchen.

Os numerros, que estavam escriptos nas costas do bilhete não indicavam mais nada do que as horas da partida dos comboios Munchen-Gamisch. Augusto Kellner ainda teve a ousadia, sem limites, de matar o Americano. O homem estava completamente innocente.

Provavelmente estava, por acaso, a passear no Valle do Inferno e foi, assim, testemunha do crime. Excitado e nervoso, como era aquelle homem e temendo ser envolvido em coisas desagradaveis caso fosse feita uma denuncia, resolveu ir-se embora, e foi o peor que podia fazer. Augusto Kellner tinha visto o americano. Sabia que o crime tinha uma tertemuda e decidiu fazer desaparecer este.

De que maneira fez isso já o sabemos. Mas não se contentou em o assassinar, meteu-lhe ainda a carteira que tinha roubado ao amigo, depois de o ter assassinado, na algibeira da sua nova victima para me

enganar. Presumi logo quem era o assassino convidando Kellner, por carta, para um *rendez-vous* na Malbrannhaus. Foi tão pouco esperto que me respondeu tambem por carta. A letra era a mesma que a do livro de hospedes do hotel. O lenheiro, decerto, não teria tido a coragem de se tornar tão desagradavelmente notavel, se, por detraz d'elle, não houvesse uma força movendo-o. Era Augusto Kellner. O criminoso fez tudo para embaralhar a situação. Adeantou ao lenheiro dinheiro, para este continuar as suas investigações, que recahiam sobre innocentes, e enganar assim a autoridade.

Tenha a certeza de que elle, por fim não teria recuado em chamar a attenção da autoridade sobre o lenheiro para embulhar assim de novo a situação.

—Mas porque disse Peter Burkhart, que a morte de Bisser lhe trouxe a elle e a Vroni oito mil marcos?

—Não advinhas? Kaspar Risser estava n'um seguro de vida, que pagou o dinheiro a Vroni. O seu romance com o pintor tornou-se bastante claro para nós. Os dois pagaram a sua culpa amargamente.

«A Vroni foi, para para mim, n'este drama a força principal para eu descobrir todo o crime.

Sem a paixão que Augusto Kellner tinha por Vroni, não se teria elle deixado arrastar para o atelier na Galerienstasse.

«Elle aniquillou, rasgando o quadro «Venus» as ultimas esperanças de Peter Burkhart e apressou-lhe a morte.

«Não quero julgar esse artista que representou um papel bastante importante n'esse grande acontecimento. Era uma historia de paixões humanas.

.....
Augusto Kellner fez uma confissão completa e espera o seu julgamento, que decerto terminará a sua vida manchada de tanto sangue.

Hinterlandner consolou-se da sua sorte e casou com Leni depois do caçador a ter abandonado por causa da sua infidelidade.

O lenheiro, foi posto, naturalmente em liberdade depois de ter estado algumas horas na esquadra.

Nunca mais se lhe mettu em cabeça investigar crimes estranhos. Algumas vezes, quando uns lenheiros alegres se juntavam a elle, na serra e começavam a dirigir-lhe umas chalaças, a respeito da sua *carreira criminalista*, lembrava-se d'esse tempo, cheio de sençações desagradaveis, e jurava nunca mais se metter em coisas que não eram da sua competencia.

FIM

~~~~~

Ler no proximo numero:

# O CRUCIFICADO

*Aventuras extraordinaria d'um policia secreta*

# OS DESEQUILIBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathologicos

(Por Armando Dubarry)

O Amor nas suas diversas manifestações, regeu, rege e regerá perpetuamente o mundo. Provam-no o estudo das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as tradições de todos os povos até á actualidade e a nos a vida contemporanea.

E tutar as aberrações a que as paixões desviadas conduz m os homanos, tal foi o intuito do auctor ao escrever a série de romances psycho-pathologicos que sub-robinou no titu o geral *Desequilibrados do Amor*, e nos quaes os vicios contra natura, o hermaphroditismo, a hysteria, a depravação e assumptos anaglos são tratados com mão de me-tre.

Das *Desequilibrados do Amor* achá-se publicado o prime ro volume:

## O Fetichista

Devendo seguir-se a este interessante roma ce sobre uma das mais repugnantes manifestações da lubricidade, os seguintes, já no prelo:

- Os Invertidos
- O Hermaphrodit
- A Hystérica
- Os Flagellantes, etc., etc.

Preço de cada vol. edição de luxo, nitidamente impressa em bom papel

# 500

REIS

## Novidade Literaria

### ESCOLA DO VICIO

por Victorien du Saussay  
1 vol. com capa artistica 700 rs.

LEIAM TODOS:  
**O conquistador de criadas**  
Bilarante romance d'aventuras galantes  
Um grosso volume com capa artistica e esplendidas gravuras **300**

RENÉ EMERY  
**S.ª Maria Magdalena**  
Romance dos tempos biblicos  
I A Paschoa de Formosura—II Chammas de voluptuosidade—III Moab, terra da luxuria—IV Pela senda do amor—V Beijo supremo.  
1 eleg. vol. em 8º com artistica capa a 8 côres **700 rs.**

**COMO SE CONQUISTAM MULHERES**  
Conselhos a um rapaz  
1 vol. ed. de luxo, **600 rs.**

## TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA

por L. C. Kumlien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in-8º gr.

**300 Rs.**

# Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia - amador

## Unico rival de Sherlock Holmes

7 serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes:

- |                                   |                                        |
|-----------------------------------|----------------------------------------|
| 1 Crimes no palacio Jackson       | 18 Jackson envenenado                  |
| 2 O osso d'uma perna              | 19 Ressurreição de Jackson             |
| 3 Evasão d'un malvado             | 20 Sapatos de defuncto                 |
| 4 Crimes impunes                  | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvario d'um assassino         | 22 Mulheres policias                   |
| 6 Um attentado terro ista         | 23 Um milhão de francos                |
| 7 A creança martyr                | 24 As Bravatas de um Yankee            |
| 8 Resgate sangrento               | 25 Coração torturado                   |
| 9 A falsa suicia                  | 26 O quarto dos mortos                 |
| 10 Um d'ama nas nuvens            | 27 A cabeça cortada                    |
| 11 Junto da guilhotna             | 28 O segredo do conde                  |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 29 Tragado pela areia                  |
| 13 O cão policia                  | 30 A derrota dos bandidos              |
| 14 O esqueleto vivo               | 31 Os mysterios de Chicago             |
| 15 Bandidos de casaca             | 32 O suht-tran-o dos cadaveres         |
| 16 A rainha dos apaches           | 33 Por suht-ur una mulher              |
| 17 Duas façanhas notaveis         | 34 A renuncia de Lord Jackson          |

**60** cada volume **== Serie completa, 2.800 rs.**

## LIVRO DE LEITURA

para a 4.ª classe dos Lyceus  
= 1 volume illustrado 400 rs. =

## JIU-JITSU

1 vol. edição de luxo com 19 bellas  
c + fotografavuras de pagina + c  
**600 reis**

# Collección Artística

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionaes novidades litterarias estrangeiras

### Volumes publicados

1. Arsenio Lupin, gatano da alta roda, por Maurice Leblanc (Eg.). 2. O Homem Mysterioso, Guy de Taramond. 3. O tumulo de gelo, Pierre Giffard. 4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc. 5. Um grito na treva, Galsworthy. 6. O Prisioneiro de Marte, G. Le Rouge. 7. O Club dos Ladrões, Henry A. Hering. 8. A Aguilha ócca, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) M. Leblanc. 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi. 10 A Virgem Vermelha, Pierre Giffard. 11. O Canhão do sumpo, Paul d'Ivoi. 12. Qual dos tres grande romance policial, A. O. Green. 13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouge. 14. O Pirata de Ferro, Max Pemberton. 15. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras) Paul d'Ivoi. 16. Kowa, a mysteriosa por Ch. Foley. 17. 813. (Novas aventuras de Arsenio Lupin) por M. Leblanc. 18. Em Férias, por Henri de Régnier. 19. O Palacio submarino, por Max Pemberton. 20. Um crime tenebroso, por A. Galopin. 21. A sombra mysteriosa, por Fergus Hume.

**350 rs.** Cada vol, in-4º, contendo a materia de um  
c c c c c grosso vol, in-8º, de 300 c c c c c **rs. 350**

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

# AS MISSAS NEGRAS

Fetições, diabruras, malefícios e sortilégios  
**OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ**  
600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600

# Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato  
Cada numero um episodio completo

60 R\$. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL R\$. 60

É mais notavel e sensacional  
das novidades litterarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa  
e composta em magnifico typo

E' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que  
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

**HISTORIA de PORTUGAL**

Desde os tempos primitivos até á actualidade

### Volumes publicados:

- |                         |                        |
|-------------------------|------------------------|
| 1 Viriato, o heroe luso | 5 Fundação de Portugal |
| 2 Roma na Lusitania     | 6 O cerco de Guimarães |
| 3 Os barbaros do Norte  | 7 Egas Moniz           |
| 4 A invasão dos Arabes  |                        |

### A seguir:

- |                                           |                        |
|-------------------------------------------|------------------------|
| 8 Conquista de Lisboa                     | 13 O Bo'onhez          |
| 9 Giraldo Sempavor                        | 14 O rei trovador      |
| 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth) | 15 Rainha Santa Izabel |
| 11 Tomada d'Alcácer                       | 16 A Batalha do Salado |
| 12 Rainha D. Mécia                        | 17 Inez de Castro      |
|                                           | 18 A Rainha Adultera   |

CAROLUS DIDIER

# ≡ A ORGIA BIBLICA ≡

Romance passional, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo,  
magnificas gravuras e capa artistica

700 rs.

# NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA rs. 100

Não existe um americano, seja elle quem for, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimo d'este famo o agente, o inspector Mc Clus-k, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'e ta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto. de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais inacreditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos lan'es, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribels antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobes orgias.

**OS MYSTERIOS DE NOVA YORK** cidade que, outr'dra simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estao lo no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; es-a cidade na qual a vida é alegre ou triste, embr agadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um estu o de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; on le as pri-ges abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e to- **NICK CARTER**

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, fórma um episodio completo.

### Volumes publicados:

- 0 rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio femenino 4. O cadaver falsificado 5. O ultimo crime d' Carruthers. 6. O ranto d'um noivo. 7. Visinho mysterioso. 8. Caca aos milhões. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatunos. 11. O rapto da duqueza 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de batota. 14. O homem da mão de ébano. 15. As joias de mr. Hackett. 16. Um electrico peigoso. 17. No Casino de Palm Beach. 18. Uma victima da sciencia. 19. O assassino de Fall River. 20. Aventuras d'um policia no Far-West. 21. O poços de petroleo. 22. O Olho do Diabio.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

Dr. PEDRO GUERDES

# O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias pois as doencas deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que se resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8° grande illustrado

de 226 paginas e 1 appendice

700 reis — Elegantemente cartonado — reis 700